

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **270**

Mês: Agosto

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

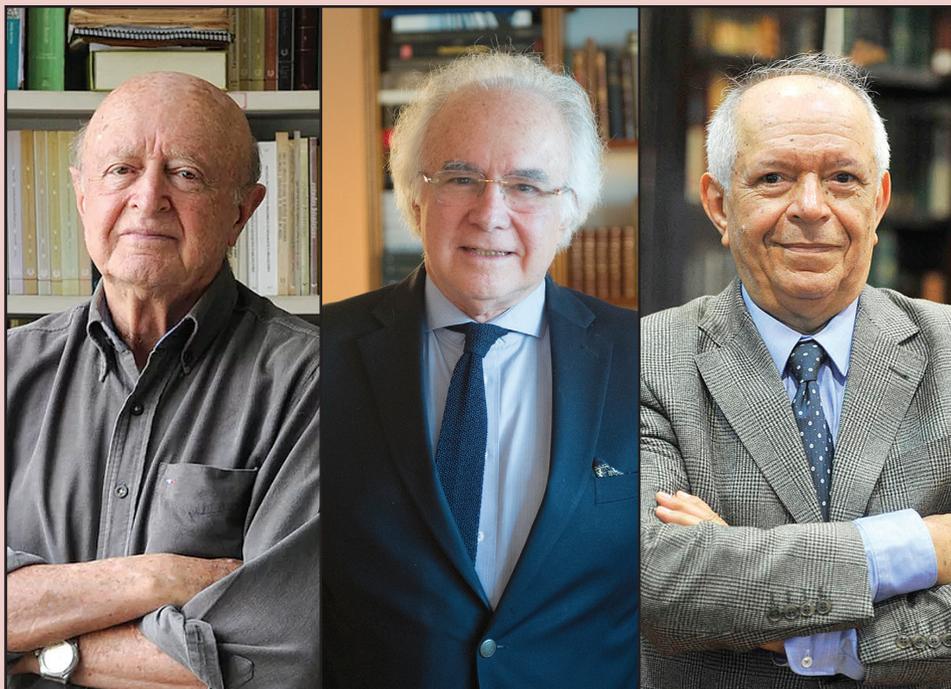
Huck, de porta em porta

Trazer a esperança de volta e resgatar a autoestima das pessoas. Não são pequenas as ambições do multitalentoso Luciano Huck. Prestes a assumir o maior desafio de sua carreira, o apresentador aposta na função social da televisão para muito além do puro entretenimento. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

Temos neste número uma atraente entrevista com o maestro Isaac Karabtchevsky, que é, sem dúvida nenhuma, uma das figuras mais populares da nossa música clássica. Foi memorável o seu trabalho à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira, na oportunidade em que apresentou, no Aterro do Flamengo, a extraordinária “1812”, de Tchaikovsky. Havia mais de 20 mil espectadores, vibrando com a iniciativa. O que lamentamos sinceramente é que espetáculos assim não tenham sido repetidos, a não ser com as exceções representadas pelos shows ao ar livre na Quinta da Boa Vista, por iniciativa da Fundação Roberto Marinho. Há ambiente, no Rio de Janeiro, para espetáculos atraindo grandes públicos, confirmando a nossa condição de capital cultural. Vamos aguardar iniciativas das esferas estadual e municipal. Certamente, o público corresponderá, com a sua valiosa presença.

O editor



O **JORNAL DE LETRAS** antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes do próximo mês de setembro. São eles: José Murilo de Carvalho (08/09), Joaquim Falcão (10/09) e Antônio Torres (13/09).

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: Antônio Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

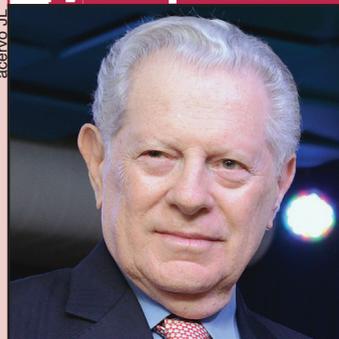
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



Educação doméstica

de muitos milhões de jovens.

Quando se esperava o fim desses tempos, o governo aparece com uma solução milagrosa, extraída de outras realidades. Trata-se da educação doméstica, que os norte-americanos batizaram de *homeschooling*, como se fosse viável desenvolver um sistema que abrisse mão da presença dos alunos nas escolas.

Não estou me valendo apenas da teoria, o que já não seria pouco. Quando garoto, vivi notáveis experiências em escolas públicas, que frequentei no Rio de Janeiro (Escola 19-Canadá, no bairro do Riachuelo) e depois nos dois anos do Grupo Escolar Rodrigues Alves, na Avenida Paulista, em São Paulo. Pude conviver com meninos e meninas que jamais saíram do meu pensamento. Se fôssemos nos ater aos novos desígnios para a educação, onde ficaríamos os jogos e brincadeiras sempre presentes nas escolas? E o esporte praticado nos intervalos?

É claro que se busca ampliar a felicidade do nosso povo. Mas somando-se os índices de inflação e de desemprego, como faz o IBRE da Fundação Getúlio Vargas, o que se verifica é que estamos na segunda pior posição do ranking de infelicidade, somente atrás da Turquia. E não será descuidando da educação que se vai alterar esse índice. As melhores posições estão no Japão, Suíça e Eslovênia. O Brasil já leva uma surra quando se trata de considerar a inflação, por exemplo, ficando na quinta posição entre os piores, atrás de Argentina, Turquia, Rússia e Arábia Saudita.

Como estamos em período pré-olímpico, queremos melhorar a nossa presença no ranking. Uma boa ideia é valorizar a nossa posição em matéria de educação. Cuidar mais e melhor dos nossos jovens não é retirá-los da escola, para uma hipotética educação doméstica, que não garante nada. Posso avançar ainda num item essencial, que é a alimentação escolar. Isso está sendo nitidamente descurado.

Não é por estar em casa que os jovens irão aprender mais. Com o registro de que é muito elevado o nosso índice de analfabetismo adulto. E ainda registrando-se a ausência do acesso indispensável aos benefícios da internet. Estamos comemorando a chegada da geração 5G, mas não se tem nenhuma certeza de que o ensino brasileiro será atendido de forma plena.

Com a experiência de ter ocupado a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, por mais de uma vez, posso afiançar que a melhor solução passa pela construção de mais escolas, com vagas e espaços generosos para que os jovens possam desenvolver as suas melhores aptidões. Não seguir esse caminho é procurar imitar soluções de fora, que não se aplicam à nossa realidade.

“As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra.

Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz.”

Maria Montessori

Sob o Céu de Belo Horizonte

Por Danilo Gomes*

Jornalista, cronista, ficcionista e memorialista, Pedro Rogério Moreira já apresenta ao público leitor uma vasta bibliografia. Filho da Sra. Ibrantina Brandão Couto Moreira (Dona Brante) e do escritor Vivaldi Moreira, foi criado na convivência com a vasta e seleta biblioteca do pai (vinte mil volumes), em Belo Horizonte, onde nasceu em 1946.

A partir de 1978 (e durante praticamente uma década), trabalhou na TV Globo, produzindo reportagens sobre a Amazônia e o tumultuado garimpo de Serra Pelada. Na editoria de esportes, cobriu a Copa do Mundo da Espanha, em 1982.

Seus tios Édison (poeta) e Pedro Paulo Moreira eram os proprietários da Livraria Itatiaia, na capital mineira, onde ele trabalhou como balconista e travou contato com vários escritores mineiros em grande atividade nas décadas de 1960 a 1980.

Começou a carreira de jornalista no final da década de 1960, em São Paulo, como redator da *Última Hora*. No Rio de Janeiro, fez reportagens para *A Notícia*. Trabalhou no SBT, Rádio Globo, Radiobrás, *Jornal do Brasil*. Foi diretor de marketing do Senado Federal, assessor da Presidência da República e técnico do Sebrae. Publicou artigos e crônicas em jornais e revistas de Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. É casado com Yara Ulles Moreira. O casal mora em Brasília há muitos anos. Pedro Rogério publica crônicas e artigos no *Jornal da ANE* – Associação Nacional de Escritores e na *Revista da Academia Mineira de Letras*. Publica também crônicas e artigos pela internet.

Nosso autor detém a elevada honra de ser o sucessor de seu pai, Vivaldi Moreira, na cadeira nº 38 da Academia Mineira de Letras. Cumpre destacar que, pelos seus relevantes serviços, Vivaldi Moreira foi aclamado por seus pares como Presidente Perpétuo da Academia, que conta com o amplo Auditório Vivaldi Moreira.

Já é fecunda a bibliografia de Pedro Rogério Moreira. Eis os títulos de seus livros:

Hidrografia Sentimental – Aventuras sem malícia de um repórter na Amazônia;

Bela Noite para Voar – Um folhetim estrelado por JK;

Jornal Amoroso – Edição vespertina;

Amor a Roma, Amor em Roma: diário de viagem em companhia de Afonso Arinos e Cyro dos Anjos;

Almanaque do Pedrim;

Fortuna Biográfica de Vivaldi Moreira;

Diário da Falsa Cruz de Caravaca;

Memórias da Diverticulite;

Palavras Cruzadas (em parceria com Renato Sampaio);

Geografia Sentimental de Miguel Torga em Minas;

Passeio pela Magia na História de Carlos Magno.

Em preparo, o autor tem mais duas obras: *O Livro de Carlinhos Balzac* (novela) e *O Livro de Curiosidades da Bíblia*, um amplo e substancial repertório do Antigo e do Novo Testamentos.

Sob o Céu de Belo Horizonte foi editado pela Thesaurus, de Brasília, em 2020, com capa de Victor Tavares e programação visual de Cláudia Gomes. Tem 333 páginas e é dedicado aos escritores Manoel Hygino dos Santos, Letícia Malard, Caio Boschi, Olavo Romano e Edmilson Caminha.

Na segunda orelha do volume, o próprio Pedro Rogério Couto Moreira esclarece: “Permanecendo fiel ao memorialismo, o autor agora reaparece *Sob o Céu de Belo Horizonte*, um diário de leituras, tendo como fio condutor romances e livros de memórias, todos de escritores de sua predileção que retratam a cidade natal, desde o arrasamento do arraial do Curral del Rey em 1894 aos dias atuais.”

De fato, o livro é calcado em obras de importantes romancistas e memorialistas mineiros e seus personagens, desde os primórdios da



nova capital das Minas Gerais. Muitos desses autores Pedro Rogério conheceu e privou de sua amizade, dentre eles Eduardo Frieiro, Moacyr Andrade, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Ricardo Gontijo, Roberto Drummond, Odin Andrade, Sylvio Miraglia, Mário Palmério, Euryalo Canabrava, Geraldo França de Lima, Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco. Outros autores focalizados são Benedito Valadares, Aníbal Machado e Avelino Fóscolo.

Excepcionalmente bem planejado, bem concatenado e bem escrito, esse livro encantará mesmo a leitores sem maiores aproximações com os autores e obras trazidos à colação, com as ruas, logradouros e paisagens de Belo Horizonte, com as numerosas situações (dramáticas ou cômicas) apresentadas. Fotos notáveis ilustram o volume.

Pedro Rogério se confessa, mais de uma vez, um leitor *voyeur*, e nessa condição compartilha com os leitores desse seu livro um vasto elenco de leituras, fatos, sensações, cenários. O memorialista, como Heródoto, caminha sempre no chão da História, afinal de contas. Seu amigo novelista Otto Lara Resende disse um dia a Pedro Rogério: “A memória é a mãe da História.” É dessa memória, pessoal e alheia, que é feito esse maravilhoso livro. É com nostalgia que o autor belo-horizontino encerra o livro, que contém muito da vida boêmia e literária da capital de Minas. Recomendo a leitura. O livro pode ser encontrado, em Brasília, na livraria Sebinho, na 406 Norte. O leitor gostará de viajar nesse trem da memória, com o experiente maquinista *voyeur* Pedro Rogério Couto Moreira.

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.



● UM DOS MAIORES especialistas brasileiros em África, o premiado acadêmico Alberto Costa e Silva reuniu fragmentos de histórias e documentos no livro *A África e os Africanos na História e nos Mitos* (Ed. Nova Fronteira).

● RESULTADO DO encontro da argentina Sara Gallardo (1931-1988) com o indígena que dá nome ao livro, *Eisejuaz* chegou ao Brasil pela Editora Relicário, em primorosa tradução de Mariana Sanchez.

● SEGUNDO DOS cinco volumes da série iniciada com *O Talentoso Ripley*, chegou ao Brasil, pela Editora Intrínseca, *Ripley Subterrâneo*, de Patricia Higsmit, com tradução de Fernanda Abreu.

● A COLETÂNEA *Amores Confiados* (Ed. Bloco Narrativo), organizada por Luciana Neiva e Marcela Esteves, reúne textos de jornalistas e roteiristas durante a pandemia.

● TODOS os tempos do ator Sérgio Mamberti aparecem em *Senhor do meu Tempo* (Ed. Sesc SP, 2021), biografia escrita por ele em parceria com o jornalista Dirceu Alves Jr.

● *CHÃO EM CHAMAS*, primeiro e único livro de contos do mexicano Juan Rulfo, foi traduzido para a Editora José Olympio por Eric Nepomuceno.

● A EDITORA ROCCO vai lançar, em outubro, uma inédita seleção de textos, feita por Flora Sussekind, de seis diários de Virgínia Woolf, escritos de 1915 a 1941, ano de sua morte.

● EM *SHAKESPEARE e os Beatles – O caminho do gênio* (Ed. Nova Fronteira), José Roberto Castro Neves traça paralelos inusitados entre o maior escritor de língua inglesa e a mais influente banda pop do mundo.

● A JORNALISTA Virgínia Starling escreveu para a Editora Todavia a biografia *Quem é essa Mulher*, sobre a história da renomada estilista Zuzu Angel.

● *CELSO FURTADO: CORRESPONDÊNCIA INTELLECTUAL, 1949-2004* (Companhia das Letras), organizado pela jornalista Rosa Freire D'Aguiar, viúva do economista, reúne quase 300 cartas trocadas pelo ilustre intelectual paraibano com mais de 80 interlocutores.

● ROMANCE DE estreia do cearense Stênio Gardel, *A Palavra que Resta*, foi lançado com o selo da Companhia das Letras.

● AUTORA DO celebrado romance *A Cor Púrpura*, Alice Walker lançou *Em Busca dos Jardins de nossas Mães*. Com 376 páginas, a tradução é de Stephanie Borges para a Editora Bazar do Tempo.

● A COLETÂNEA *Na Barriga do Lobo* (Ed. Arquipélago), de Luís Henrique Pellanda, reúne 64 crônicas escritas entre 2015 e 2020, nas ruas de Curitiba.

● *SERAFINA E O CAJADO MALIGNO*, segundo volume da célebre série protagonizada pela menina de 12 anos, publicada em 22 países, foi traduzida por Maria Carmelita Dias para a Editora Valentina.

● *A DES-EDUCAÇÃO DO NEGRO*, do historiador afro-americano Carter Godwin Woodson (1875-1950), foi lançada no Brasil pela Editora Penguin, com tradução de Carlos Alberto Medeiros.

● *FINNEGANS WAKE*, último romance de James Joyce, considerado um desafio linguístico “intraduzível”, ganhou do poeta e artista Sérgio Medeiros uma versão visual. O livro *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* será lançado em formato digital em 2022, pela Iluminuras.

● À VENDA NAS plataformas digitais, o livro de retratos *TV Brasília*, do fotógrafo Milton Montenegro, traz fotos de políticos levemente distorcidas, com filtros criados pelo autor.

● EM *O Silêncio* (Companhia das Letras), Don DeLillo, um dos mais originais prosadores americanos, volta a um de seus temas recorrentes: como a tecnologia resulta em desumanização.

● NA COLETÂNEA *Construir o inimigo e Outros Escritos Ocasionalmente* (Editora Record), o filósofo italiano Umberto Eco reúne ensaios que discorrem sobre a nossa necessidade de ter – ou inventar – um inimigo.

● COM UM CONTO inédito de Fernanda Young, que morreu em 2019, a coletânea *Eu Chamo de Amor*, lançada pela Editora Melhoramentos, reúne diversos autores em torno do tema.

● PUBLICITÁRIA HÁ 28 anos, Claudia Schroeder lançou

ESTÁ CADA VEZ MAIS DIFÍCIL AGRADAR AO PÚBLICO



o segundo livro de poesia: *As Partes Nuas*, saiu com o selo da Editora Francisco Alves.

● *SOLTEIRA SIM, SOZINHA TAMBÉM* (Editora Bendita), de Babu Carreira, é um guia bem-humorado, reunindo dicas sobre como planejar uma viagem sozinha e como sobreviver a um domingo.

● EM *PSICONAUTAS: Viagens com a ciência psicodélica brasileira* (Ed. Fósforo), Marcelo Leite relata como substâncias psicoativas são usadas para tratar distúrbios como depressão e estresse pós-traumático.

● *O OUTONO DA IDADE MÉDIA*, de Johan Huizinga, considerado pela jornalista Cora Rónai como o melhor livro do mundo, foi republicado pela Editora Penguin em versão mais acessível.

● O ROMANCE *O Lugar*, de Annie Ernaux, uma das escritoras mais reverenciadas da França, foi traduzido por Marília Garcia para a Editora Fósforo.

● EM *O Luto no Século XXI* (Summus Editorial), Maria Helena Pereira Franco apresenta um vasto estudo sobre o processo e as teorias que envolvem o tema.

● *O ANO DO PENSAMENTO MÁGICO*, da ensaísta americana Joan Didion, acaba de ganhar reedição, pela Harper Collins Brasil, com tradução de Marina Vargas.

● O MATO-GROSSENSE Joca Reiners Terron, radicado em São Paulo, passa em revista a História brasileira de trás para frente, em *O Riso dos Ratos* (Ed. Todavia), indo de um futuro distópico aos primórdios do país.

● O FILME *Noites de Alface*, estrelado por Marieta Severo, primeiro longa escrito e dirigido por Zeca Ferreira, é uma adaptação do livro homônimo de Zeca Ferreira.

● A ATERRORIZANTE saga de Tomie, mangá do japonês Junji Ito, chegou ao Brasil em dois livros de quase 400 páginas cada um, trazidos pela editora Pipoca e Nanquim.

● O PREMIADO surfista Rico de Souza conta sua trajetória de empreendedorismo na obra *Rico – o embaixador do surfe* (Ed. Lacre), em depoimento a João Marcelo Garcez.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Modernismo

“A moçada atual não conhece um candieiro”, disse a avó para sua neta, surpresa com o objeto.

Nem poderia, porque a palavra “candieiro” não existe. O vocábulo correto é **candeeiro**. Frase correta: “A moçada atual não conhece um **candeeiro**”.



Aprendizagem

“O treinamento em serviço auxilia para a auto-aprendizagem.” Será mesmo? A “auto-aprendizagem” escrita desse jeito não melhora nada na vida de um profissional.

Quando um prefixo termina em vogal (auto) e o segundo elemento começa por vogal diferente (aprendizagem), não se admite o uso do hífen – autoaprendizagem é a forma certa.

Período correto: “O treinamento em serviço auxiliar para a autoaprendizagem.”

Palavras homófonas, homógrafas, homônimos perfeitos

Homófonas (homo: mesmo; fono: som)

– pronúncias iguais, grafias diferentes.

Alguns exemplos: A **sessão** foi ótima. (de cinema) / Esta **seção** da loja é só para mulheres. (departamento) / Vamos fazer uso do bom **senso**. (juízo) / O **censo** obteve bons resultados. (conjunto de dados estatísticos)

Homógrafas (homo: mesmo; grafia: escrita)

– escritas iguais, sons diferentes.

Alguns exemplos: Eu **gosto** de você. (verbo) / Meu **gosto** é diferente do seu. (substantivo) / A **força** não é maior que a sabedoria. (substantivo) / Não é ele quem **força** a tranca para fechar a porta! (verbo)

Homônimos perfeitos

– grafia e pronúncia iguais.

Alguns exemplos: Vocês **verão** prosperidade em todos os sentidos! (verbo) / O **verão** deste ano está chuvoso! (substantivo) / Eu **cedo**, mas você também tem que ceder! (verbo) / Deus ajuda quem **cedo** se levanta! (advérbio de tempo)

Assombroso

“Alice estava apavorada ao entrar naquela casa mal assombrada.”

É para ter medo mesmo, escrevendo dessa forma.

Veja: Palavras compostas cujo primeiro elemento são as palavras **bem** ou **mal** e os elementos que se seguem se iniciam com a letra **h** ou com **vogal** têm hífen.

Ex.: bem-humorado, bem-amado, mal-assombrado.

Contudo, no caso do advérbio **bem**, há palavras cujos elementos se iniciam com consoante em que o hífen é empregado, embora com o advérbio **mal** não sejam. Ex.: bem-criado, mas malcriado.

Frase correta:

“Alice estava apavorada ao entrar naquela casa que diziam ser **mal-assombrada**.”

Incomodada

“Aurora achou que seria um impecilho sua ida para a festa na fazenda.”

Não devia se achar um incômodo, ainda mais escrevendo desse jeito.

Não existe a palavra “impecilho”, o correto é **empecilho**.

Frase correta: “Aurora achou que seria um **empecilho** sua ida para a festa na fazenda.”

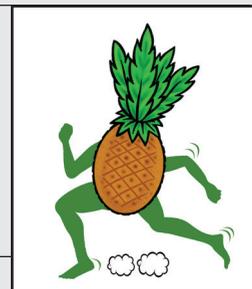
Inesperado

“Isac disse que fechou o negócio de sopetão!”

Não se deve tomar decisões assim, sem pensar bem!

Não existe a palavra “sopetão”, o correto é **supetão**, é um substantivo masculino que significa movimento rápido e inesperado; impulso, repente, súbito.

Frase correta: “Isac disse que fechou o negócio de **supetão**!”



Palíndromos

Palíndromo, do grego *palin* (novo) e *dromo* (percurso), é toda palavra ou frase que pode ser lida de trás pra frente e que, independente da direção, mantém o seu sentido. Também chamadas de anacíclicas, elas devem ser lidas considerando-se apenas as letras. Isso quer dizer que não se consideram acentos e, no caso das frases, também não se deve considerar a pontuação e o espaço entre as palavras.

Exemplos de palavras: mamam; matam; metem; mirim; oco; omissíssimo; osso; ovo; radar e raia.

Exemplos de frases:

A base do teto desaba; A cara rajada da jararaca; Acuda cadela da Leda caduca; A dama admirou o rim da amada; A Daniela ama a lei? Nada!; Adias a data da saída; A diva em Argel alegre-me a vida; A droga do dote é todo da gorda.

As letras e a música se encontram na Academia de Letras e Música do Brasil

Por Meireluce Fernandes e Basilina Pereira*

A Academia de Letras e Música do Brasil – Almb, instituição sem fins lucrativos, completará 45 anos de existência em 23 de outubro deste ano. Tem sede em Brasília, DF, e o seu patrono é o fundador da Capital Federal, Juscelino Kubitschek de Oliveira, titular vitalício da cadeira número 1. Seu quadro Acadêmico é composto por 100 (cem) cadeiras, distribuídas para membros titulares, honorários e representantes. Embora conste do regulamento, não temos, no momento, membros honorários.

O principal objetivo da Almb é promover, fomentar e disseminar a Cultura, na esfera das Letras e da Música. E é assim que temos trabalhado no decorrer de todos esses anos, em ambiente de cordialidade e cooperação, aprimorando o exemplo de expressivos nomes, que deixaram seus legados de dedicação, principalmente, os presidentes que nos antecederam, dos quais cultuamos as memórias e hoje fazem parte da recém-criada galeria dos ex-presidentes, a saber: Arlette Pereira da Costa, Newton Rossi, Claudio Santoro, Victor Tannuri, Alfredo Moacyr Uchoa, Jonatra Macedo, Neusa França, Palmerinda Donato, Gustavo Dourado, Vadim Arsky, Plínio Mósca, Nazareth Tunholi, Jaci Toffano, Sebastião Theodoro Gomes e Basilina Pereira.

Consignamos respeito e admiração a tantos outros ilustres acadêmicos

que construíram o nosso patrimônio sociocultural e que, sem dúvida, elevaram o ideal da saudosa idealizadora e fundadora do nosso sodalício, Sra. Arlette Pereira da Costa. Continuaremos lutando pela imortalidade dos nossos acadêmicos, fazendo jus e projetando o sustentáculo de sua arte, inspirando sucessivas gerações, pois, como bem disse Cora Coralina, “Não morre aquele que deixou na Terra a melodia de seu cântico na música de seus versos”.

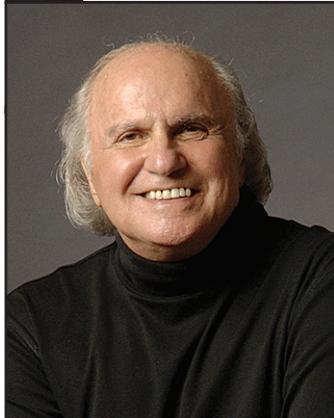
Temos também muito orgulho dos nossos atuais acadêmicos, que sustentam o ideal acadêmico de nossa Academia e são pessoas dotadas de grande talento, haja vista as insígnias e os prêmios que enriquecem seus currículos. As Letras e a Música atuam e interagem em sintonia, de forma a fazer vibrar a poesia nos acordes musicais e evidenciar os tons suaves e próprios da música que emanam da poesia.

Nossas atividades englobam a realização de eventos culturais como: saraus, recitais, concursos literários, eventos de premiação e homenagens a personalidades que se destacam no cenário cultural de Brasília e do Brasil, eventos comemorativos, edição de coletâneas, encontros literários para debates de livros que são lidos, mensalmente, por um grupo de acadêmicos escritores e poetas, além de reuniões ordinárias e extraordinárias para ajustes, avaliação e captação de sugestões para fomento de futuras ações.

Estamos sempre em busca de inovações e adaptações aos novos tempos. Temos nosso site: <http://www.almb.com.br>, que tem se mantido atualizado, assim como as páginas no Instagram: @almbacademia e no Facebook: @AlmbAcademia, por onde temos realizado nossas reuniões virtuais neste tempo de pandemia.

E no acalantar dos ideais almbianos, promovemos o continuar da existência da nossa Academia, cumprindo o nosso estatuto, o regimento interno, admirando a beleza do nosso hino e, recentemente, a nossa bandeira, um dos nossos símbolos, idealizado desde a fundação da Almb. É dessa forma que queremos ver a Música e as Letras ecoando pelos quatro cantos do Brasil, pois a arte é bálsamo que suaviza a tristeza e semeia alegria.

*Meireluce Fernandes é presidente da Academia de Letras e Música do Brasil – Almb e Basilina Pereira é vice-presidente.

**ISAAC KARABTCHEVSKY**

Música é um ideal de vida

Isaac Karabtchevsky é um dos grandes nomes da música clássica brasileira.

Arnaldo Niskier: Recebemos a visita do maestro Isaac Karabtchevsky. Como surgiu a ideia de criar a Orquestra Sinfônica Heliópolis, de uma grande favela em São Paulo?

Isaac Karabtchevsky: Diria que a ponta do iceberg de Heliópolis é a Orquestra Sinfônica da comunidade, formada pelos melhores músicos. Ela representa, para mim, um projeto ambicioso, porque resgata a identidade de tantos jovens que, se não fosse essa vocação orientada para a música, talvez tivessem optado por outras profissões não tão qualificadas quanto a música. A música para eles não é só uma profissão, representa também um ideal de vida. Eles se encontram e se identificam com ela. Acho que é uma forma de resgate social e também cultural.

Arnaldo Niskier: Eles são escolhidos por concurso?

Isaac Karabtchevsky: Sim, temos um grupo de professores extremamente qualificados, são em geral os melhores músicos de São Paulo, da OSESP, da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal e de outras orquestras. Temos, em meio a essa profusão de grandes professores, também a orientação técnica para ensaios parciais. Tenho maestros assistentes que trabalham regularmente para alimentar o estilo interpretativo de cada um. Eu escolho as músicas. Lembro perfeitamente que o primeiro concerto que fiz com Heliópolis foi nada mais nada menos do que uma das obras mais ambiciosas do repertório sinfônico. Foi a Segunda Sinfonia de Mahler, a chamada Ressurreição. Quando falo nela, me vem até arrepios, porque ninguém acreditava que a Orquestra tivesse condições de fazer essa sinfonia. Eu me dei conta, depois do primeiro ensaio, que quando eu fazia um gesto, qualquer que fosse, eles seguiam rigorosamente as inflexões do gesto. Então percebi que estava defronte a um conjunto altamente qualificado que merecia, claro, muitos ensaios sucessivos, mas o material básico estava lá à minha disposição.

Arnaldo Niskier: E os recursos para manter a Orquestra Sinfônica vêm de onde?

Isaac Karabtchevsky: Doações, alguns investimentos, a presença de algumas empresas importantíssimas dentro do cenário. Graças a elas, estamos conseguindo manter até hoje, apesar da pandemia, a unidade e a continuidade desse projeto.

Arnaldo Niskier: A pandemia prejudicou as atividades da Orquestra Sinfônica de Heliópolis?

Isaac Karabtchevsky: Diria que a atividade cultural foi baleada, foi uma contusão violentíssima, porque nos vimos privados daquilo que é essencial para nós, músicos, que é o contato com o público. Você está de certa maneira direcionado para uma prática a qual jamais pensávamos que fosse possível, fazer com que os músicos toquem mascarados, que o maestro seja mascarado...

Arnaldo Niskier: Isso dificulta sua comunicação com os músicos?

Isaac Karabtchevsky: Impressionante. Explico rapidamente. Quando vou fazer um pequeno gesto assim, (canto) é um rubato. Nesse movimento, é necessário que o músico tenha contato com minha expressão facial. Não posso fazer esse gesto e exigir que executem esse rubato (chamamos rubato, porque rouba o tempo) sem que venha acompanhado de uma expressão que qualifique esse rubato.

Arnaldo Niskier: E você acha que a Orquestra Sinfônica de Heliópolis é um celeiro também de músicos para outras orquestras e outras atividades musicais?

Isaac Karabtchevsky: Apenas para complementar aquilo que estava dizendo. Os concertos mascarados vêm de encontro à necessidade de fazermos sem a presença do público e mantendo rigorosamente todas as leis de distan-

ciamento social. É uma forma de dizer: “Olhe, estamos vivos e aptos a manter a nossa mensagem”. Mas longe de ser a forma ideal de comunicação. Dessa maneira foram afetados também os corais, os quartetos, as orquestras de câmara, tudo aquilo que diz respeito à cultura musical em si. Não falo nem de teatro nem de balé nem de outras manifestações do espírito humano, que foram drasticamente violentadas através dessa pandemia.

Arnaldo Niskier: Qual a sua experiência na Orquestra Petrobras Sinfônica? Você é muito falado também, nesses últimos 15, 20 anos, por essa atividade cultural da Petrobras. Como você se inseriu nesse trabalho?

Isaac Karabtchevsky: Estava voltando da Europa, onde assumi, durante oito anos, na França, mas trabalho na Europa desde 1988. Primeiro com Viena, depois com Orquestra Tonkünstler, depois fui contratado pelo Teatro La Fenice, na Itália, e por último na Orchestre National des Pays de la Loire, que fica no sudoeste da França. Quando tinha terminado o contrato, recebi o convite para ser o titular da Orquestra Petrobras que, para mim, tem um significado muito importante, porque foi fundada e liderada, até sua morte, pelo maestro Armando Prazeres, que foi barbaramente assassinado, uma coisa que tem permeado a vida no Rio de Janeiro. Infelizmente, perdemos o mentor de uma atividade que viria a se consolidar com uma das mais importantes dentro do panorama cultural...

Arnaldo Niskier: Tenho a impressão de que o Prazeres deveria ter mais ou menos a sua idade, porque o conheci no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ele dirigia um projeto musical na UERJ e fazia com que a garotada tomasse gosto pela música, sobretudo a música clássica e, infelizmente, aconteceu essa tragédia. Deus colocou, no seu lugar, os dois filhos que também são maestros e que seguem a trilha deixada pelo Armando Prazeres.

Isaac Karabtchevsky: Grande legado. O Carlos, que está hoje regendo a Orquestra Sinfônica da Bahia, em Salvador, e o meu assistente, também maestro e que tem regido muito a Petrobras Sinfônica, o Felipe Prazeres, têm seguido a trilha do pai e realmente deram continuidade ao trabalho dele.

Arnaldo Niskier: Você passou também uma temporada ajudando o Adolpho Bloch a realizar sua grande obra. Você me disse que passa por ali pela Rua do Russel e lembra desses tempos. O que vem à sua mente?

Isaac Karabtchevsky: Vejo, naquela justaposição de dois edifícios, o cerne do pensamento de Adolpho. Foi um homem que não sucumbia ante às dificuldades, ao contrário, as enfrentava com galhardia. Para ele, nada seria possível se não fosse ultrapassar barreiras. Saiu consolidada a aspiração de Adolpho Bloch na construção de um grande centro cultural, onde estavam coligados a editora, a Manchete, e, no edifício ao lado, a televisão. Isso iria certamente se propagar por aquele quarteirão todo se vivo estivesse.

Arnaldo Niskier: Acho um absurdo terem trocado o nome do Teatro Adolpho Bloch para dar um nome comercial, mesmo que a firma tenha lá seu valor e tenha protegido aqueles bens a que você se referiu, mas nada justifica trocar o nome com que o teatro nasceu e colocar um nome comercial. Você se lembra da “1812”, no Aterro do Flamengo? Você dirigiu a Orquestra Sinfônica Brasileira, não foi?

Isaac Karabtchevsky: Exatamente. Nos meus tempos de Sinfônica Brasileira (passei 26 anos lá), o Adolpho me chamou uma vez e disse assim: “Vamos fazer um concerto ao ar livre.” Foi a primeira vez que fui defrontado com a ideia de tirar a orquestra dos palcos, dos teatros do Rio, seja Sala Cecília Meireles ou Theatro Municipal e ir para um lugar

popular. Foi ele que intuiu que o espaço cênico do Rio de Janeiro é tão impactante quanto o palco de um teatro.

Arnaldo Niskier: Exatamente. Havia a promessa de que outras mais viriam depois disso, apesar do Projeto Aquarius ter sido também um sucesso. Tinha muita coisa ao ar livre.

Isaac Karabtchevsky: O Projeto Aquarius foi já uma ideia de outro visionário, Roberto Marinho. Ele quadruplicou aquelas ideias iniciais de 10 a 15 mil pessoas e transformou o projeto numa coisa indispensável à comunidade carioca. Ele foi tão importante que chegamos a fazer óperas, foi feita Aída de Verdi na Quinta da Boa Vista, com a presença de 200 mil pessoas.

Arnaldo Niskier: A experiência de Heliópolis, grande favela de São Paulo, inspirou outras comunidades a fazer coisa parecida?

Isaac Karabtchevsky: A ideia central do aproveitamento das favelas como depositários de grandes talentos veio do movimento que se esboçava então em Caracas, na Venezuela, com José Antonio Abreu, grande amigo meu, que faleceu há uns quatro anos. Ele foi realmente o mentor dessa volta em busca do talento e dizia (lembro-me perfeitamente das palavras dele): “Não é necessário prospectá-los como se faz com o petróleo em grandes profundidades. O talento na América Latina está na superfície”. Dito e feito. Íamos a essas favelas com uma proposta que tivesse início, meio e fim e nos defrontávamos com uma quantidade incrível de jovens talentos, ainda vinham como crianças...

Arnaldo Niskier: Não é só na música popular brasileira, que é uma explosão permanente. Músicas clássicas, que são de fundamental importância para a cultura internacional, são também utilizadas maciçamente e com muito sucesso. Isso é uma coisa que temos que louvar com toda certeza. Não quero deixar passar sem um registro sua passagem de 25 anos pela Europa como maestro titular de orquestras muito importantes e óperas que você realizou, dirigindo Boris Godunov, Tristão e Isolda de Wagner. Lembro-me de Tristão e Isolda no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Que lembrança você tem desses tempos?

Isaac Karabtchevsky: Dirigir na Europa, para mim, foi com uma extensão de todo trabalho que já vinha fazendo aqui no Brasil, só que defronte a uma realidade muito melhor constituída, porque lá as orquestras têm maior tradição, têm um público cativo, no sentido de que é um público formado através de gerações, enfim, aprendi muito. Sendo titular das orquestras, aprendi muito também como se organiza a vida musical nessas comunidades. Fiquei fascinado, por exemplo, com os anos que passei em Viena, de 1988 a 1994. Assumi a Orquestra Tonkünstler, uma orquestra sinfônica, mas atuava com essa orquestra na mesma sala onde Mahler regia os concertos, era o Musikverein, um dos prédios históricos de Viena, e tocávamos lá, uma acústica absolutamente perfeita, aprendi muito. Aprendi como se organiza, como se lida com o público já constituído e, principalmente, ampliei consideravelmente meu repertório. Nesse ínterim, ainda em Viena, alguém da State Opera, da Ópera Estadual, foi assistir a um concerto meu e me convidou para reger na State Opera como convidado. Regi, comecei com Rossini, O Barbeiro de Sevilha, depois fui para Carmende Bizet, Navio Fantasma e Tristão e Isolda. Isso, para mim, foi um momento revelador, o meu primeiro contato com uma orquestra de ópera que não era nada mais nada menos que a Filarmônica de Berlim, que também atuava concomitantemente não só com orquestra de concerto, mas também na ópera, então foi um aprendizado. Logo depois disso, como regente de ópera, fui convidado para o La Fenice, em Veneza, onde passei mais oito anos, sempre entremendo com minha temporada brasileira. Estava aqui como titular da Sinfônica Brasileira, mas como as temporadas não coincidem, ou seja, julho e agosto são meses de férias lá e aqui é plena atividade, então dispunha sempre de tempo para me dedicar à temporada brasileira e à temporada europeia. No La Fenice, foi um outro momento, também revelador, porque era só praticamente regência de óperas. Minha vida foi permeada de contatos com Rossini, Verdi, Puccini, todos os grandes nomes. Villalobos não se conhecia no La Fenice. Se eu fosse convidado hoje para o La Fenice, teria introduzido evidentemente esses compositores. Depois do La Fenice, onde passei oito anos, fui para a Orchestre National des Pays de la Loire, no sudoeste da França, onde passei seis anos.

Arnaldo Niskier: E aí fez o governo francês lhe dar uma das medalhas mais importantes da França, Cavaleiro das Artes e Letras. Título mais que merecido. Você espera que essa pandemia acabe rápido para voltarmos à pujança das apresentações?

Isaac Karabtchevsky: Chevalier des Arts et des Lettres. Estou olhando para cima e pedindo a Deus que acabe o mais rápido possível.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



AS FLORES DO MAL



Na robusta obra *As Flores do Mal* (ao pé da fonte), em edição bilíngue pela 7 Letras, com 430 páginas, a tradutora Margarida Patriota pretende não só homenagear os duzentos anos de nascimento de Charles Baudelaire, como também contribuir para a leitura de suas Flores do Mal, pedra angular da modernidade poética nos principais idiomas literários do Ocidente.

A tradutora explica, no prefácio, sua proposta pessoal, fruto da longa convivência com a poesia de Baudelaire, que sempre lhe pareceu mais bela em português, quando colhida “ao pé da letra”: “Dado que almejar à expressão perfeita da poesia baudelaireana em idioma outro que não o francês guarde

semelhança com querer dar nó em pingo d’água, resta-nos esperar que o ângulo pelo qual a apresentamos lhe faça jus e traga para mais perto do leitor brasileiro de hoje.” Escritora, tradutora, professora universitária e radialista, Margarida Patriota é carioca (RJ) e mora em Brasília (DF), de onde comanda, há mais de 20 anos, o programa de entrevistas Autores e Livros, da Rádio Senado Federal 91,7 FM. Mestre e doutora em Literatura Francesa, lecionou por 28 anos no Departamento de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Com 29 livros publicados, é membro da Academia Brasileira de Letras desde 1990.

DESATADORA DOS NÓS

A obra *Desatadora Dos Nós – História da construção da Capela de Búzios* (Ed. MM, São Paulo, 2020) é mais do que um testemunho de fé de sua autora Isis Penido. Trata-se de uma narrativa de perseverança e lealdade, o retrato sincero do alcance de um propósito realizado.

O leitor tem em mãos o relato da idealização de um sonho de infância: a construção de uma capela dedicada à Nossa Senhora. É nessa vertente, inesgotável em revelações que se pautam na obstinação, na perseverança e na generosidade, que Isis Penido vai tecendo o relato histórico da materialização da Capela de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, nos jardins da Igreja de Santa Rita de Cássia, em Búzios, na região dos Lagos do Rio, que já recebeu mais de dois milhões de peregrinos ao longo de sua existência.

A obra é dividida em 23 capítulos, que vão delineando uma construção onde converge o poder da fé. No prefácio, o saudoso bispo emérito de Nova Friburgo, Dom Rafael Llano Cifuentes (1933-2017), ressalta a importância dos esforços da autora na difusão da devoção à Nossa Senhora. Isis Penido é advogada, juíza de paz e Lugar Tenente da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, no Rio de Janeiro. Construiu com recursos próprios a Capela de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, em 2001.



OS ESCRITOS DE MEU PRIOR

Os Escritos de meu Prior (Ed. Promidia, 2020), organizado pelo jornalista mineiro Dauro Machado, reúne 100 textos e reflexões do monsenhor André Sampaio de Oliveira, Comendador da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Na apresentação do jornalista da Rádio Vaticano Silvonei Protz, a afirmação de que o pensamento do monsenhor se alinha aos ensinamentos e questionamentos da Igreja: “Cada leitor poderá reconhecer claramente o grande amor que ele tem para com a Igreja, elemento central de sua reflexão a cada linha, mesmo quando o foco do discurso parece ser outro.”

A obra ganhou prefácio do cardeal Orani João Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, que reflete sobre o nosso potencial de mudança através da boa leitura: “Não basta apenas crermos que Deus está conosco se não fizermos a nossa parte na caminhada da vida.”

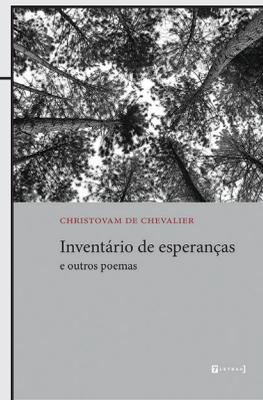
Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, integrante do Conselho Diretor do Pró-Saúde, pároco da Igreja Our Lady of Mercy, em Botafogo, formado na Escola Diplomática na Santa Sé, no Vaticano, fluente em vários idiomas, monsenhor André Sampaio de Oliveira é incardinado na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, atuando como assessor de Relações Internacionais e Institucionais do cardeal Dom Orani João Tempesta.



INVENTÁRIO DE ESPERANÇAS

As transformações impostas pela pandemia dão o tom da obra *Inventário de Esperanças e Outros Poemas* (Ed. 7

Letras, 2021), quarto livro do poeta Christovam de Chevalier, onde as palavras surgem como potência de superação. A coletânea é dividida em quatro partes. A primeira delas tem o título de *Nos Confins do Início de Tudo* e traz textos de inspiração bíblica. A segunda, *No Circo sem Teto de um País*, é formada por 11 poemas sobre artistas circenses. O título é uma alusão ao livro *No Circo sem Teto da Amazônia*, do escritor Valmiki Ramayana, seu avô. Os dez poemas que compõem *Instantâneos de um Lugar*, a terceira parte, olham para um país profundo, como Luís Turiba especifica na apresentação. No *Inventário de Esperanças*, quarta e última parte, estão poemas provocados pelas transformações causadas pela pandemia. O livro surpreende pela escrita ao mesmo tempo humana e lírica, que nos toca com a intimidade própria dos poetas. A voz que nos fala vem de dentro de cada palavra selecionada, sem máscaras, com apuro técnico e lucidez. Christovam de Chevalier é autor de *Um Livro sem Título* (1998), *No Escuro da Noite Em Claro* (2016) e *Marulhos, Outros Barulhos e Alguns Silêncios* (2019). Tem poemas publicados nas revistas *Rua da Unicamp*, e da Biblioteca Nacional, além da coletânea *Agora como Nunca*, organizada por Adriana Calcanhotto e editada no Brasil (Cia das Letras, 2017) e em Portugal (Cotovia).



ELAS

A coletânea *Elas* (Editora Jordem, 2021), coordenada por Neusa Jordem, reúne textos de dezessete autores, ao longo de 73 páginas. Terceiro volume da “Coleção Mulher”, os escritos apresentam-se em forma de prosa e verso, trazendo como elo de ligação a perspectiva feminina do mundo, seja na estrutura, na sintaxe, na semântica ou no ritmo.

Na orelha da obra, a produtora cultural Neusa Jordem explica a busca do método como expressão pessoal, oferecendo, nos textos, a presença de uma força extra: “Isso é fundamental, pois transitando entre a ficção e a realidade, conjugando o passado, o presente e o futuro que se interpenetram e se confundem, manifestamos o desejo imperativo de dialogar com o leitor e lhe fazer um convite para que ele se lance à aventura e partilhe nosso mundo, que ele alie-se ao nosso sonho.”

A coletânea reúne textos dos autores Amélia Zager, Brendda Neves, Carlos Augusto Furtado Moreira, Fabíola Vasconcellos Patta Sampaio, Hortência Gomes, Igor dos Santos Caldeira, Isaura Calliari, Lucení de Sousa Fonseca, Manoela Ferrari, Maria das Graças Gozzer, Maria José Menezes, Maysa dos Santos, Orly Klippel, Patrícia Soares Teixeira Costa, Regina Menezes Loureiro, Sandra Valladão e Valéria Rusa Corradi.



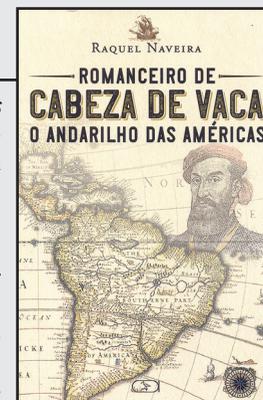
O ANDARILHO DAS AMÉRICAS

Em *Romanceiro de Cabeza de Vaca – O Andarilho das Américas* (Ibis Libris, 2020), Raquel Naveira se inspira na história do espanhol Don Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, primeiro europeu a cruzar as Cataratas do Iguaçu, a caminho de Assunção, capital da colônia espanhola, em 1540.

A passagem do espanhol pelo Pantanal motivou estudos regionais e a escritora sul-mato-grossense foi desafiada a escrever poemas sobre ele, resultando nesse romanceiro.

A obra é composta por 20 poemas, distribuídos ao longo de 68 páginas, ilustradas com elegância pelo Acervo Roma Design. No prefácio, a historiadora Yara Penteado antecipa a beleza e o encantamento que o leitor tem em mãos: “Raquel Naveira escreve lindamente. E com erudição, faz poetagem da melhor. Sua poética é sonora, rítmica, rica. Chega aos ouvidos e à alma. E encanta. Ressoa pelo intelecto e nas emoções, com forte apelo. Tem o dom da escritura, da narrativa fluente e cheia de sabedoria e conhecimento. Não basta poetar. Tem que saber.”

Raquel Naveira é escritora, professora universitária, crítica literária, mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Autora de vários livros de poemas, ensaios, romances e infantojuvenis, é membro da Academia sul-mato-grossense de Letras, da Academia Cristã de Letras de SP e ao PEN Clube do Brasil.



Saul de Navarro, um pioneiro das letras capixabas

Por Francisco Aurelio Ribeiro*

Neste ano, a Academia Espírito-santense de Letras completa cem anos de existência e incumbiu-me a nossa dinâmica presidente, Prof^a Ester Abreu, de pesquisar e de divulgar quem foi Saul Navarro, um de nossos pioneiros. Como não podemos sair de casa e nos encontrarmos presencialmente, como sempre fizemos, nos encontramos em reuniões a distância, tudo como manda os protocolos destes nossos tristes dias. A primeira dificuldade que encontrei foi localizar a obra e saber mais da vida desse notável escritor capixaba que, hoje, dá nome a uma rua na Praia do Canto e à biblioteca da nossa Academia. Quando se digita Saul de Navarro no Google, só aparecem referências comerciais da rua que lhe dá nome, como “vende-se ou aluga-se apartamento”. A pequena biografia existente em nosso site, feita por Elmo Elton nos anos 1980, não ajuda muito e, descobri mais tarde, precisa ser revisada. Felizmente, quatro de suas onze obras publicadas estão em nossa biblioteca e a BN digital é uma mão na roda, pois nela encontrei muito coisa, inclusive tudo que publicou na revista *Vida Capichaba* (sic) e em jornais da época.

Saul de Navarro é o pseudônimo literário de Álvaro Henrique Moreira de Souza, nascido em Santa Leopoldina em 1890 e falecido no Rio de Janeiro em 1945. Passou a infância no Espírito Santo e, mais tarde, mudou-se com a família para o Rio Grande do Sul, onde fez os preparatórios para o Curso Superior, em 1907. O pai era médico, mas não escolheu essa carreira para si, como era comum, e sim o Direito, tendo cursado a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro. Não se sabe se concluiu o curso, pois nunca advogou, tendo iniciado sua carreira no jornalismo em 1910, quando começou a escrever no jornal

Imprensa, dirigido por Alcindo Guanabara, seu tutor, considerado, na época, o Príncipe dos Jornalistas Brasileiros, pois o inconsciente monárquico ainda persistia (e) no povo brasileiro. Atuou nos jornais *A Razão*, *O Brasil*, *a Gazeta de Notícias*, *O Dia*, *A Notícia* e colaborou nas revistas *Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana* e *Revista do Brasil*. Em 1916, publicou seu primeiro livro, *Visões do Século*, com 225p. pela Ed. Lethes. Foi bem recebido pela crítica, no Brasil e no exterior. Passou a colaborar com as revistas latino-americanas *Nuestra América*, da Argentina, *Hero*, de Cuba, *América Latina*, do Equador, *Plumadas*, da Venezuela, dentre outras. Tornou-se o maior divulgador da literatura latino-americana no Brasil, como demonstrado na publicação de seu principal livro, *O Espírito Ibero-americano*, em 1928. Antes desse, em 1922, lançou *Prosas Rebeldes*, livro de 167 páginas, com crônicas, artigos e pequenos contos, com uma postura ideológica socialista, o que lhe provocou forte crítica da imprensa conservadora católica.

Com a criação da Academia Espírito-santense de Letras em 1921, idealizada por Alarico de Freitas, Elpídio Pimentel e Garcia de Rezende, os escritores capixabas residentes no Rio, Afonso Cláudio, Colatino Barroso, Mendes Fradique, Saul de Navarro, Ulisses Sarmento, não foram esquecidos e convidados a participar. Saul de Navarro aceitou e tomou posse na cadeira 4, em 24 de junho de 1925, tendo feito o discurso *Elogio do Berço e de um Ritmo*, em que enaltecia sua terra natal e o patrono de sua cadeira, Ulisses Sarmento, poeta parnasiano-simbolista, falecido em 1923. De 1925 a 1930, foi delegado fiscal do Tesouro no Espírito Santo, tendo intensa vida política e social da cidade de Vitória. Mas, em outubro de 1930, houve o Golpe Militar de Getúlio Vargas, e muitos acadêmicos perderam seus empregos, inclusive Saul de Navarro. Regressou ao Rio e nunca mais voltou a Vitória, embora continuasse publicando na *Vida Capichaba* até 1933, quando foi para a Europa, onde permaneceu até 1936. De volta ao Brasil, publicou *O Segredo de Portugal*, em 1938 e *O Mundo que vai nascer*, em 1944, e, antes de morrer, em 27 de novembro de 1945, doou a sua biblioteca para a AEL, inaugurada em 1947, com a presença de sua esposa D. Isaura Fonseca Moreira de Souza. Não teve filhos. Em 1948, a rua Rio Novo, na Praia do Canto, em Vitória, passou a se chamar Saul de Navarro, por Lei municipal, o que fez com que seu nome não ficasse eternamente esquecido, embora poucos conheçam sua obra literária.

*Francisco Aurelio Ribeiro é escritor e professor. Presidente de Honra da Academia Espírito-santense de Letras.

Música e letras

Por Getulio Marcos Pereira Neves*

Quantas vezes não lemos nos créditos de um disco “música e letra” de autoria de fulano ou beltrano. Texto (ou letra) e melodia, os componentes da canção. A chamada música popular brasileira já teve prestígio internacional como produto cultural, funcionando como veículo de difusão da língua portuguesa pelo mundo. Mas a produção musical, como tudo na vida, conhece altos e baixos (e não me refiro a questões estéticas, que o gosto muda ao sabor dos tempos). Fato é que o que se produz hoje é totalmente diferente do que se produziu ontem, tal a vertiginosidade das mudanças que vivemos, mas esta é outra história.

O fato é que essa imbricação de letra com melodia (não me refiro aqui a música instrumental, e a brasileira existe e é de qualidade) constitui considerável material de estudo, e os proporciona muito bons. A expressão do cotidiano nos letristas populares é de interesse incontroverso, e as vertentes de investigação se multiplicam, talvez tentando acompanhar a variedade de formas de expressão de compositores e de letristas.

Muitos são os títulos cuidando de temas – ou movimentos musicais – específicos: do samba ao funk, passando por bossa nova, tropicalismo, rock brasil, forró e outros. Mas nos domínios da interação entre poesia, como expressão estética, e música popular, destaco o *Música Popular e Moderna Poesia Brasileira*, de Affonso Romano de Sant’Anna (1976, 2013), sem dúvida um guia para acompanhar o percurso seguido pela

música e a poesia no Brasil desde o Modernismo de 1922. A primeira parte, “De Noel e o Modernismo aos Secos e Molhados”, dá uma ideia da abrangência do estudo.

Com outro enfoque, mas também abrangente e erudito, é o reverenciado *A Música Popular no Romance Brasileiro* (2002), de José Ramos Tinhorão. Em três volumes, inicia no século XVIII, vai ao XIX e dedica ao século XX os dois volumes seguintes. Tendo como mote a referência à música popular, percorre os rincões do país, destrinchando a produção literária desde Pernambuco ao Rio Grande do Sul, desde as metrópoles às pequenas cidades do interior, indo do morro ao asfalto. A lista de títulos consultados inclui expressamente 230 obras. Expressamente, porque o autor refere inúmeras outras no corpo da argumentação. Dentre estas, *A Oferta e o Altar*, de Renato Pacheco (1964).

Pacheco, nascido em Vitória, em 1928, e aí mesmo falecendo, em 2004, é dos maiores vultos da cultura espírito-santense no século XX. Por Tinhorão tem a temática do seu primeiro romance integrado ao ciclo literário que o pesquisador considerou “tão caracteristicamente paulista de histórias reveladoras do impacto dos modelos urbanos da capital sobre as pequenas cidades” (vol. II, pág. 99-101). Para os estudiosos, a obra de Pacheco inaugura o novo romance capixaba, que, a partir daí, iria, em pouco mais de cinquenta anos, do regional ao urbano, contemplando uma multiplicidade de temáticas tal que, ao inserir-se no ambiente maior da produção literária brasileira contemporânea, quase que o sintetiza em termos de tendências.

Sendo universal, a música expressa a alma do povo. O seu estudo sistemático permite ainda abordagens originais e interessantes, como a de Tinhorão, que com sua pesquisa acabou trazendo à tona ciclos e tradições literárias esquecidas ou pouco conhecidas.

*Getúlio Marcos Pereira Neves, do PEN Clube do Brasil.

Os personagens sedutores de Bret Harte

Por Vera Lúcia de Oliveira*

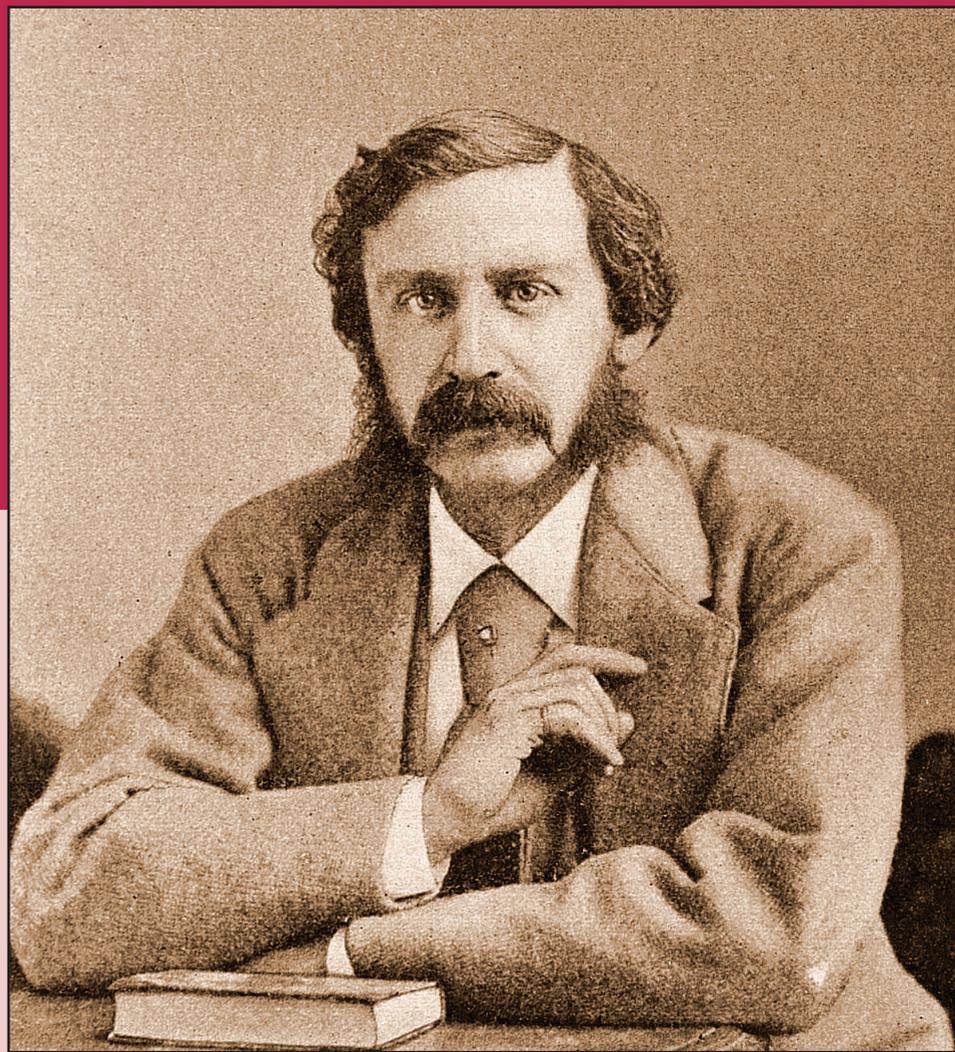
O maior desafio talvez de um autor de ficção é criar personagens sedutores que encantem o leitor, que segurem a narrativa fazendo-a parar em pé. Alguém faz isso maravilhosamente bem: o norte-americano Francis Bret Harte (1836-1902). Quem não o conhece e não leu seus contos não sabe o que está perdendo. São histórias sensíveis, divertidas, todas repletas do mais belo sentimento humano – a compaixão.

A seleção que se encontra em *Os Melhores Contos de Bret Harte* (SP: Circulo do Livro, s/d) é uma verdadeira preciosidade. Nessas histórias, Bret Harte faz o que bem entende com o leitor: chorar, rir, ficar triste, comovido. Sem exagerar nem perder a mão do que pretende transmitir. Um talento nato para a literatura, um dos maiores escritores do século XIX, admirado até pelo grande Charles Dickens, que o influenciou e disse que gostaria de ter escrito o conto Os exilados de Poker Flat, um dos mais comoventes e brilhantes do livro. Sim, brilhantes como o ouro da Califórnia, onde Bret Harte viveu desde os treze anos de idade, com a mãe viúva, à procura de alguma riqueza, e onde situa suas narrativas na época da corrida do ouro, por volta de 1850. Califórnia que não era ainda a *California Dreamin* da contracultura dos anos 1960, nem a dos bilionários de hoje do Vale do Silício, pois era tão somente a terra do mais rápido no gatilho, do salve-se quem puder. Mas como diz Marques Rebelo, tradutor e apresentador dessa ótima edição, o ouro que o menino encontrou foi outro: o ouro humano. Pois foi de gente de todas as condições e ambições que ele extraiu a riqueza de sua literatura em meio a ganga bruta daquela terra inóspita: jogadores, fugitivos, bêbados, prostitutas, ladrões, bem como pessoas honradas e generosas. Histórias que influenciaram o compatriota do mesmo quilate, Mark Twain, que, segundo Borges, logo esqueceria a sua bondade...

Para dar ideia dessas histórias, destacamos algumas, verdadeiras obras-primas da arte do conto, gênero que exige um bom fio condutor. Disse Flaubert que não é a pérola que faz o colar, mas sim, o fio. E as narrativas de Bret Harte têm o fio, a coesão como grande qualidade de sua estrutura, além do enredo sempre original, surpreendente, apaixonante. Em *A fortuna do Campo Trovejante*, *Os exilados de Poker Flat*, *De como Papai Noel veio a Simpson's Bar*, *Um cão amarelo* e *O nível da cheia*, precisamos pôr o lenço do lado, pois são histórias belíssimas de calor humano, de chorar, de bondade extrema, que evocam cenas bíblicas como a do Dilúvio ou que lembram a Pietá de Michelangelo. De prender a respiração. Outras, de sagacidade e de fazer sorrir, como a de *O sócio do Tennessee*, *Uma ingênua das "sierras"* e *O poder da imprensa*, para citar alguns exemplos.

Mas, e as personagens sedutoras?

Para começar, no pequeno acampamento de mineiros chamado Campo Trovejante, nasce um bebê, filho de uma mulher pecadora. Um acontecimento que por sua humildade é digno de ser comparado ao nascimento do Menino Jesus. Num lugar rústico, rude, o menino é saudado solenemente pelos cem homens que o aguardavam e o recebem como um presente. E, no momento em que se ouviu um grito queixoso como nunca se ouvira no acampamento, “o pinheiral cessou de suspirar, o rio deixou de murmurar e o lume, de estalar. Parecia que a própria natureza parara para ouvir também.” (pág. 11) Houve um nascimento e uma morte: “Bastou uma hora para ela subir aquela íngreme estrada que ia ter às estrelas e sair para sempre do Campo Trovejante (...)” (pág. 11) O que seria do bebê? A partir daí é só emoção. A renovação da vida como um milagre.



Como não falar ainda do pequeno grupo de viajantes presos pela nevasca na montanha, no conto *Os exilados de Poker Flat*, cujos destinos cruzados, com pouca comida e muita fraternidade, enfrentou aquele exílio involuntário? Vejamos:

O sol abandonou-os outra vez, e outra vez, caindo do céu de chumbo, os flocos de neve começaram a cobrir a terra. Dia a dia crescia a neve em redor deles, até que, por fim, muros de deslumbrante alvura se levantaram a vinte pés por cima de suas cabeças. Tornou-se cada vez mais difícil alimentar o fogo; as árvores caídas, ao seu alcance, estavam sepultadas já pela neve. E, todavia, nenhum deles se lamentava. Os noivos deixaram de contemplar a desoladora paisagem, fitavam os olhos um do outro e eram felizes.” (pág. 30).

Não poderia também ficar esquecido o cão amarelo que dá título ao conto homônimo. Sobre ele, diz o narrador que não se tratava de um cão comum, ou sequer de um cão feio, mas um cão cuja sagacidade era admirada por todos. Quase gente. Além de toda a destreza e agilidade, tinha uma singularidade, cuidava dos bêbados do povoado:

“Acompanhava o grupo até o bar e esperava do lado de fora da porta, com a língua pendendo-lhe regaladamente da boca, até que reaparecessem; consentia mesmo, com prazer, que tropeçassem nele, e caracolava à frente do grupo, indiferente às pedras e epítetos que lhe eram canhestramente atirados. Depois, acompanhava cada um, separadamente, a casa, ou ficava deitado ao lado dele, na encruzilhada, até que fosse ajudado a alcançar sua respectiva cabana.” (pág. 136)

Mas não somente os personagens são sedutores, pois o são também os temas e sobretudo a linguagem rica, elevada, literária, de um autor que perambulou e exerceu as mais diversas profissões, de mineiro na Califórnia a cônsul na Alemanha e Inglaterra. Homem culto, conhecedor dos clássicos, leitor de Homero, também sua mina e seu filão literário, que se tornou o mais conhecido da América do seu tempo.

Bret Harte é, antes de tudo, californiano, como diz o nosso excelente Marques Rebelo, porque nas “sierras, nos bares, nos dancings, nos filões entre revólveres e linchamentos, é que está a única e verdadeira fonte de sua glória e de sua fortuna.” (pág. 7).

Uma mina de ouro inesgotável a ser explorada.

*A professora Vera Lúcia de Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.

Huck, de porta em porta

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Trazer a esperança de volta e resgatar a autoestima das pessoas. Não são pequenas as ambições do multitalentoso Luciano Huck. Prestes a assumir o maior desafio de sua carreira, o apresentador aposta na função social da televisão para muito além do puro entretenimento. Pronto para marcar mudanças de rumo no dia mais nobre da programação vespertina da TV aberta, Huck vai ocupar o espaço do apresentador Faustão, que foi a atração mais concorrida das tardes de domingo, na TV Globo, desde 1989. Depois de 32 anos, Fausto Silva se despediu da emissora e voltará à Band.

Segundo a jornalista Patrícia Kogut, a saída de Fausto Silva da Globo é mencionada como “o fim de uma era”. Mas Luciano Huck tem tudo para ampliar o alcance do seu antecessor. Atento às novas mídias sociais, sempre se renovando na linguagem e no formato, desde que lançou o “Caldeirão”, em 1999, o apresentador dá as cartas na programação vespertina aos sábados. Carismático, firme e seguro, capaz de dominar a plateia, acumulou uma série de experiências e foi desenhando sua marca pessoal em torno de uma programação focada na conexão com as pessoas. Desembocou em quadros de enorme sucesso, tais como o “Lar doce Lar” e “Lata velha”. Sempre em busca de inovação, adicionou um capital educativo louvável ao programa, através do “Soletrando”.



Em entrevista ao jornalista Pedro Bial, o apresentador do “Caldeirão” revelou sentir que foi muito mais ajudado do que ajudou pessoas, ao longo de sua carreira: “A minha relação é com as pessoas. Eu gosto de ouvir, conversar, mergulhar na história. Realmente me envolvo, de verdade. Pode parecer, nos meus programas, que eu estava impactando a vida das pessoas, mas eu posso garantir que o rio corre na direção oposta. O impactado fui eu, eu me transformei”, declarou.



Luciano Huck é casado com a apresentadora Angélica, desde 2004.

TRAJETÓRIA



Luciano Grostein Huck nasceu em São Paulo, no dia 3 de setembro de 1971. É filho do jurista Hermes Marcelo Huck e da urbanista Marta Dora Grostein, e irmão do diretor de cinema Fernando Andrade. Huck estudou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), porém não chegou a se graduar. Ainda adolescente, começou a trabalhar como assistente do fotógrafo J. R. Duran.

De acordo com a página do apresentador, no portal da TV Globo, desde cedo Huck despertou para a comunicação. Aos 20 anos, fez um estágio na agência W/Brasil, do publicitário Washington Olivetto. Estagiou também nas agências de publicidade DM9 e Talent, além de trabalhar na 89 FM (“Rádio Rock”) e na revista *Playboy*, na seção “20 perguntas”.

Aos 22 anos, habilidoso e inventivo, passou a assinar a coluna “Circulando”, no caderno de variedades do *Jornal da Tarde*. Na época, aventurou-se pela vida noturna paulistana: foi sócio do bar Cabral, badalado ponto da cidade. Também comandou o programa “Mingau”, que recebeu o nome de “Torpedo”, na rádio Jovem Pan FM, transmitido nas noites de domingo.



Por onde passa, Huck costuma receber o carinho dos fãs.

Não demorou muito tempo para receber um convite de Otávio Mesquita, apresentador do “Perfil”, na TV Bandeirantes, para assumir o “Paparazzo Eletrônico”, quadro sobre badalação noturna. Meses depois, já tinha seu próprio programa na CNT Gazeta, batizado de “Circulando”, uma revista eletrônica que ia ao ar de segunda a sábado. Na mesma ocasião, inaugurou o bar Sirena, em

Maresia, litoral norte paulista.

Daí em diante, o sucesso foi meteórico. Meses depois, Luciano Huck levou o “Circulando” para a Bandeirantes, onde foi exibido por dois anos até dar lugar ao programa que projetou de vez seu nome: “H.” Voltada para o público jovem, a atração diária estreou em 1997. O programa era feito ao vivo, no mesmo horário do *Jornal Nacional*. Durante os três anos em que permaneceu no ar, a audiência só cresceu – o que chamou a atenção da Rede Globo.

Aos 27 anos, Luciano Huck deu a primeira virada em sua vida. A mudança para a Globo representou novo emprego, nova cidade e novos amigos. Determinado, incansável e muito inteligente, dedicou-se à formatação do “Caldeirão do Huck”, que foi ao ar, pela primeira vez, em 2000.

Os primeiros anos não foram fáceis. Exigiram ajustes e foco. Huck decidiu vender todos os negócios (restaurantes, bares, rádios – tudo o que não se relacionava à televisão) para vencer os desafios com dedicação exclusiva à carreira. Deu certo.

Huck conseguiu transformar o “Caldeirão” em líder absoluto de audiência. Investindo num formato diferente, com o telespectador participando ativamente, permaneceu, por anos, no topo da preferência

dos brasileiros. Exibido aos sábados, às 16h, para todo território brasileiro (além de veiculado para 115 países, pela Globo Internacional, o programa consolidou a audiência no horário que, no passado, foi ocupado pelo fenomenal Chacrinha.

Desde 2004, é casado com a também apresentadora Angélica, com quem tem 3 filhos: Joaquim, Benício e Eva. Huck recebeu o “Prêmio Extra de Televisão” de melhor apresentador de TV por seis anos consecutivos (2011, 2010, 2009, 2008, 2007 e 2006). Organizado pelo jornal *Extra*, a premiação é similar ao “The People’s Choice Awards”. O “Caldeirão do Huck” recebeu o mesmo prêmio, como melhor show de variedades, por nove anos (2011, 2010, 2009, 2008, 2007, 2006, 2005, 2004 e 2003), incluindo um prêmio pelo quadro “Soletrando”, em 2007.

Em 2017, após fazer matéria especial sobre a atuação do Exército Brasileiro na Missão das Nações Unidas para a estabilização, no Haiti, foi agraciado com a Ordem do Mérito Militar, a mais elevada distinção honorífica militar brasileira, sob o grau de oficial.

OUTRAS ATIVIDADES

O premiado apresentador é diretor-presidente do Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, ONG idealizada por ele que tem como missão promover o desenvolvimento profissional, social e pessoal de jovens por meio do audiovisual. Desde sua fundação, em 2004, 1.150 jovens foram atendidos no programa educacional. Graças ao Instituto Criar, Luciano foi um dos indicados para o prêmio “Empreendedor Social”, em 2007. A premiação de empreendedorismo social é dada pelo jornal *Folha de São Paulo* e pela fundação Schwab, cujo propósito é identificar líderes de cooperativas, empresas sociais (do setor privado que distribuem lucros para ajudar a sociedade), ONGs e indivíduos que desenvolvem ideias inovadoras e sustentáveis para benefício coletivo.

Além de todas as atividades citadas, Huck é produtor de filmes nacionais, como *Casa de Areia* (2005), de Andrucha Waddington, e *Era uma Vez* (2008), de Breno Silveira. Em 2011, dublou Flynn Rider no filme “Enrolados”, da Disney.

Além do cinema, Huck mantém investimento em setores como o alimentício, turismo, vestuário e em hospitais veterinários. Atualmente, mais de onze milhões de pessoas seguem seus tweets (@LucianoHuck) e mais de quinze milhões curtem sua página no Facebook e seu perfil no Instagram.



Em 2007, a Academia Brasileira de Letras recebeu no seu tradicional chá, os semifinalistas do quadro “Soletrando”, exibido no Caldeirão do Huck.



O apresentador, ao lado dos acadêmicos Marcos Vilaça Evanildo Bechara, Arnaldo Niskier e Domicio Proença na ABL.

DE PORTA EM PORTA

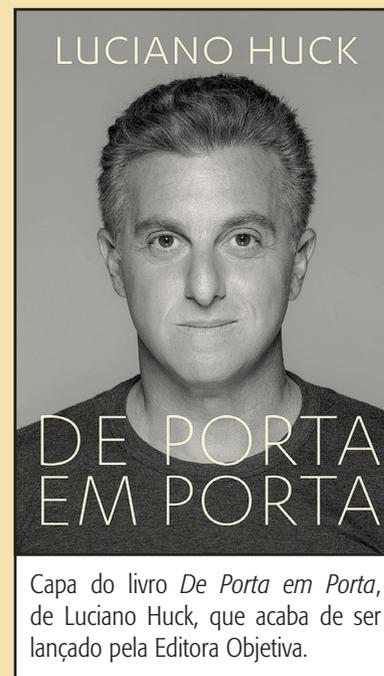
A multiplicidade do talento de Huck parece não ter fim. Em 2007, fez sua primeira incursão na literatura, lançando *Na Terra, no Céu, no Mar*, pela Editora Globo. O livro narra a rotina do apresentador em suas viagens de trabalho. As grandes reportagens têm início com a curiosidade jornalística de chegar a lugares surpreendentes, levando ao público experiências novas.

A edição é amplamente ilustrada com fotos tiradas pelo próprio autor durante gravações para o programa “Caldeirão do Huck”. São belas imagens que contribuem para transmitir o clima das viagens. O leitor tem a oportunidade de acompanhar as matérias do ponto de vista do apresentador e de sua equipe.

No texto, o olhar atento de Huck revela o perfil das pessoas que encontra durante as aventuras. O formato impresso permite a riqueza dos detalhes que fazem de cada viagem um evento único: como driblar as restrições e a falta de estrutura na África para chegar ao lugar onde vivem os animais; quais os preparativos para mergulhos em mares onde só se arriscam os mais experientes profissionais; quais as reações do apresentador e da equipe durante exaustivas caminhadas.

Na Terra, no Céu, no Mar – Viagens de aventura do Caldeirão do Huck foi escrito em conjunto com o amigo e parceiro de aventuras Rodrigo Cebrian, diretor-geral do programa. O prefácio, assinado pelo jornalista Paulo Lima, diz: “Luciano Huck viaja!” Sim, viaja por todos os cantos do mundo, viaja ao bolar novas aventuras e viaja numa prosa envolvente – daquelas de tirar o fôlego: um comunicador em todas as dimensões.

Ouvir e contar histórias: essa é uma das maiores paixões – e talvez seja a maior vocação de Luciano Huck. Em mais de vinte anos como apresentador, são incontáveis as experiências compartilhadas com pessoas, mundo afora.



Capa do livro *De Porta em Porta*, de Luciano Huck, que acaba de ser lançado pela Editora Objetiva.



Na Terra, no Céu, no Mar – Viagens de aventura do Caldeirão do Huck, da Editora Globo, tem 248 páginas. Foi escrito em conjunto com o amigo e parceiro de aventuras Rodrigo Cebrian.

Em 2020, isolado em casa e preocupado com os impactos da pandemia do novo coronavírus, Huck deu início a uma nova série de conversas. Desta vez, procurou também estudiosos de renome internacional, buscando trazer luz para o debate público. Como resultado, acaba de ser lançada, pela Editora Objetiva, sua segunda obra. *De Porta em Porta* reúne contribuições de figuras como Yuval Harari, Esther Duflo, Michael Sandel e Anne Applebaum, além de memórias pessoais e relatos de encontros com brasileiros anônimos, mas cheios de histórias para contar. A paixão por descobrir o que pessoas diferentes têm a contribuir pelo bem comum faz do autor um protagonista na arte do diálogo. A publicação promete replicar o sucesso.

Desde 2014, Huck tem se posicionado também em relação à vida política do País, chegando a cogitar, inclusive, uma candidatura à Presidência da República, o que não se concretizou. Apesar de o apresentador não ser candidato nas eleições presidenciais, em 2022, seu foco continua único: contribuir para a geração de um país melhor, potencializando a conexão entre as pessoas.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

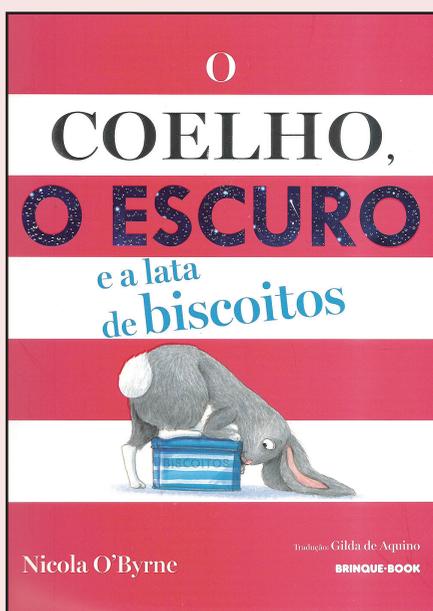
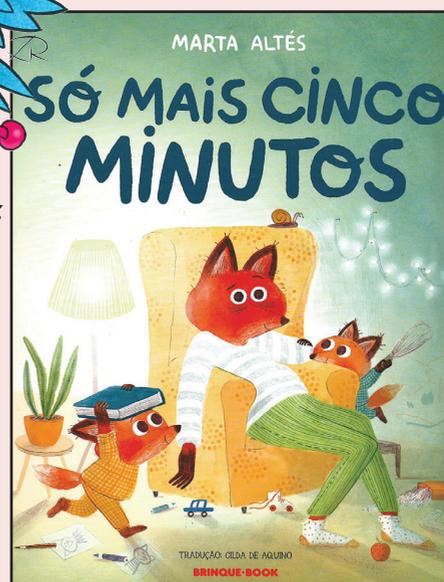
Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Saudade, criatividade, emoção e trabalho!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



que a noite é importante, fala dos animais que só saem à noite e da necessidade do sono. Destaque para as lindas ilustrações.



Todos nós, neste tempo ainda difícil, trazemos a saudade de algum amigo mais velho, afeto que não pode ser compartilhado pelo medo de contágio, luto não encerrado. A esses queridos homenageamos com a seleção de dois livros que falam de amor e saudade da convivência com os avós.

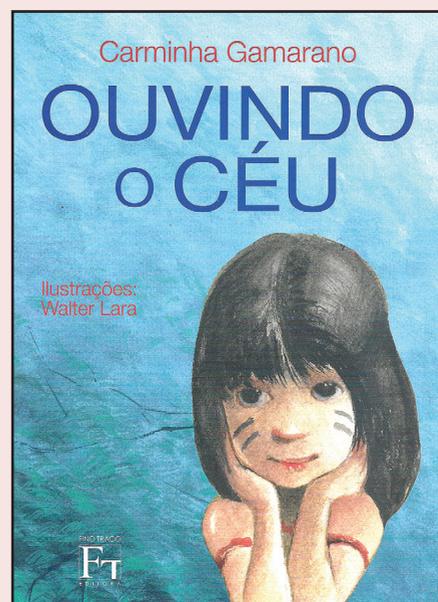
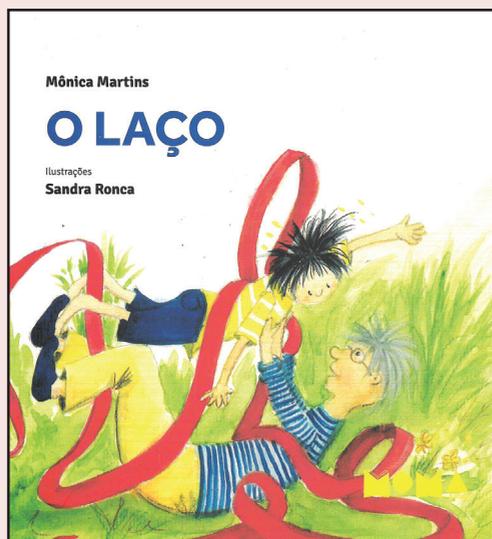
O belo da vida é que ela se renova no convívio com os pequenos que nos alegam com as tentativas de adiar a hora de dormir, tentando enganar o sono e espichar a conversa, ou a história.

A criatividade e o trabalho também nos animam a seguir em frente, com sensibilidade e ternura.

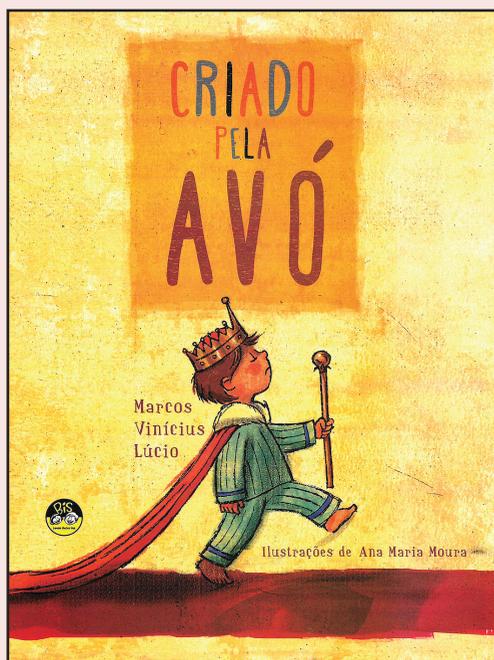
Vocês vão perceber que as quatro palavras do título estão presentes em nossa seleção de agosto: saudade dos que partiram, criatividade nas histórias geniais, emoção ao ouvir o céu e trabalho produtivo no curso e na coletânea de crônicas da AEILIJ.

Sigamos juntos!

O Laço – Mônica Martins escreveu e Sandra Ronca ilustrou (Moma) – Laços sem nós que enfeitam a vida e unem as pessoas. Laços que unem menino e avô que, quando a fita se parte, os laços continuam, mesmo à distância, envoltos em saudade.

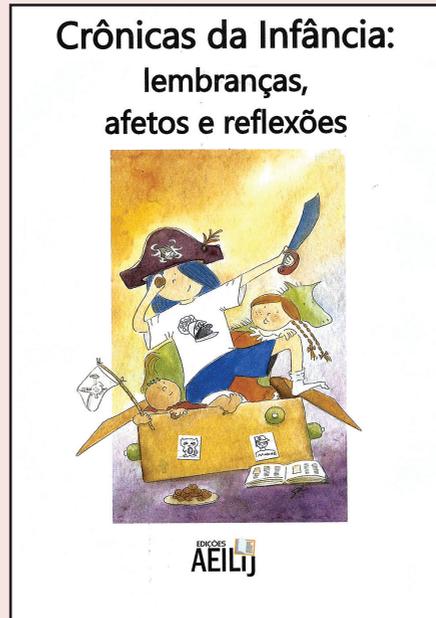


Ouvindo o Céu – Texto de Carminha Gamarano e ilustrações de Walter Lara (Fino Traço) – Quando Walter Lara me contou sobre o livro que sua mulher, Carminha, escreveu, pensei logo, em tempo de pandemia e pelo título, que era um livro de fé, de ouvir o céu e esperar uma mensagem... Com o livro em mãos, dei boas risadas pelo engano, justificado pela aflição pessoal. Com as ilustrações sempre deslumbrantes de Walter, Carminha criou uma história delicada, sensível, que nos leva a andar entre árvores e mato, contemplando a floresta e tentando entender seus ruídos e mistérios. Ao mesmo tempo, nos reúne com a ancestralidade da cultura nativa e a relação com o meio ambiente. Lindo!



Criado pela Avó – Texto de Marcos Vinícius Lúcio e ilustrações de Ana Maria Moura (Ibis Libris) – Avó e neto formam essa família. Avó/mãe, que educa e mima, ralha e beija, ensina e afaga. As recordações do menino/homem transbordam carinho nas páginas desse delicado livro.

O Coelho, o Escuro e a Lata de Biscoitos – Nicola O'Byrne escreveu e ilustrou e Gilda de Aquino traduziu (Brinque-Book) – Ao contrário da lenda indígena que liberta a noite, o coelho resolve enganar o escuro e prendê-lo na lata de biscoitos para que o dia continue e ele não precise ir dormir. Mas o escuro explica por



A capa é de Sandra Ronca, também aluna do curso. Parabéns a todos e que logo venham outros cursos.

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



PARDAL MALLET

João Carlos de Medeiros Pardal Mallet, jornalista e romancista, nasceu em Bagé, RS, em 9 de dezembro de 1864, e faleceu em Caxambu, MG, em 24 de novembro de 1894. Aprendeu na infância três línguas, francês, inglês e português. Participou dos movimen-

tos abolicionista e republicano. O jornalismo foi a sua grande paixão. Foi periodista na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Notícias*, no *Diário de Notícias*, escrevendo muitas vezes sob pseudônimos: Armand de Saint Victor, Vítor Leal e Souvarine. Fundou o jornal *A Rua*, dirigindo-o ao lado de Luís Murat, Olavo Bilac e Raul Pompeia. Fundou o jornal *O Combate*. No artigo de fundo, Pardal Mallet se declara socialista moderno, científico e construtor. Ali defendeu suas ideias e combateu o governo de Floriano Peixoto, até ser agredido por florianistas exaltados. O governo mandou fechar *O Combate* e Pardal Mallet foi enviado para Tabatinga (AM). A agressão que sofreu dos florianistas contribuiu para a debilitação de sua saúde. Foi para Caxambu (MG), onde esperava curar-se da tuberculose, porém faleceu, antes de completar 30 anos. A coragem com que enfrentava os fatos, a sua oposição ao governo de Floriano Peixoto, tido como um dos mais enérgicos presidentes brasileiros, demonstram a força da presença de Pardal Mallet no seu tempo. Três anos após sua morte, ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, o poeta e jornalista Pedro Rabelo escolheu-o como patrono da cadeira por ele fundada.

acervo JL



CONDESSA DE SÉGUR

Sophie Feodorovna Rostopchine (São Petersburgo, 1 de agosto de 1799 – Paris, 9 de fevereiro de 1874) foi uma escritora russa, autora de obras-primas de literatura infantojuvenil. A sua família era da Mongólia. O pai era o conde Fyodor Vasilyevich

Rostopchine, que foi ministro das Relações Exteriores da Rússia. Em 1814, a família Rostopchine foi para o exílio, indo para Varsóvia, depois para a Confederação Alemã e península italiana e, em 1817, para a França. Ali seu pai estabeleceu um salão, e tanto sua esposa como a filha se converteram ao Catolicismo Romano. Foi no salão paterno que Sophie conheceu o Conde Eugène Ségur, com quem se casou em 14 de julho de 1819. Teve oito filhos. O conde se referia à esposa como “*la mère Gigogne*” (ou: “a mãe Matrioska”). Um dos seus filhos foi o bispo Monsenhor de Ségur. A condessa de Ségur escreveu seu primeiro conto com a idade de 58 anos. Criadora de personagens eternos para o imaginário infantil, suas principais obras são *Os desastres de Sofia*, *As Meninas Exemplares* e *As Férias*. Os títulos originais de suas obras foram: 1856 – *Nouveaux Contes de Fées (Novos Contos de Fadas)*; 1858 – *Les Petites Filles Modèles (As Meninas Exemplares)*; 1858 – *Les Malheurs de Sophie (Os Desastres de Sofia)*; 1859 – *Les Vacances (As Férias)*; 1860 – *Les Mémoires d'un âne (Memórias de um Burro)*; 1862 – *Les Bons Enfants*; 1863 – *Les Deux Nigauds (Os Dois Patetas)*; 1871 – *Après la Pluie, le Beau Temps (Depois da Tempestade)*.

acervo JL



JOHN MICHAEL GREEN

John Michael Green (Indianápolis, Indiana, 24 de agosto de 1977) é um vlogger, empresário, produtor e autor norte-americano de livros para jovens. Escreveu vários livros premiados. Em 2014,

foi listado na revista *Time* como uma das “100 Pessoas mais Influentes do Mundo”. Além do seu trabalho como escritor, também é conhecido por seus trabalhos no YouTube. Em 2007, ele lançou o canal *VlogBrothers* com seu irmão, Hank Green. Desde então, criaram *Project for Awesome* e a *VidCon*, além do projeto educacional *Crash Course*, focado em história, literatura e ciência, que aborda assuntos como economia, política, astronomia, filosofia, psicologia, sociologia e entretenimento. Seus livros já venderam mais de 50 milhões de cópias pelo mundo, incluindo 4,5 milhões no Brasil. Frequentou a Lake Highland Preparatory School e depois a Indian Springs School e se formou pelo Kenyon College com diploma duplo: em Inglês e Estudos Religiosos. Seu sexto livro, *The Fault in Our Stars (A Culpa é das Estrelas)*, foi lançado em janeiro de 2012. John Green mora na cidade de Indianápolis, Indiana. Ele vive com sua esposa, Sarah Urist Green. Ela foi curadora no Museu de Arte de Indianápolis antes de começar a trabalhar na websérie *The Art Assignment*, feito pela PBS. O casal tem dois filhos (Henry e Alice). Green afirmou ser um cristão episcopal, mas mencionou que se casou numa igreja católica. John é um ávido fã do Liverpool F. C. da Premier League e já falou abertamente sua paixão pelo futebol inglês.

Desterro

Por Raquel Naveira*

Que triste é a pena de desterro, de exílio, de banimento. A expulsão da pátria que amamos para um lugar de solidão, de isolamento, de retiro ermo. Passar de um estado para outro é assustador. Principalmente aquele hiato que é o tempo de nos instalarmos em uma nova realidade, como o peregrino que finca uma tenda no deserto. Não quero baixar muito meu pensamento, nem ter desejos desmedidos. Quero apenas, esta noite, observar as chamas da fogueira e aquecer meu coração.

Vêm-me à mente as palavras de uma antiga oração: “...e depois deste desterro...” Como será feita a travessia para o Céu? Esta Terra é nossa verdadeira casa? Teremos um canto onde recostar a cabeça? Somos viajantes, “degredados filhos de Eva”? Espíritos desestabilizados, de índole má? Trouxemos com nossas corrupções o desequilíbrio energético a este planeta?

Quantos poetas choraram na amargura do exílio. Talvez o mais famoso de todos os poemas sobre esse tema no nosso imaginário seja “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864). O poeta relembra a palmeira de sua terra, onde cantava o sabiá. As aves, as belezas e primores. Suplica a Deus que não morra, antes de voltar para seu rincão. Pensar que retornava, depois de muito tempo, ao Brasil, num navio, próximo à nossa costa, quando a embarcação afundou. Salvaram-se todos, exceto o poeta que, esquecido em seu leito, afogou-se. Tinha quarenta e um anos, trazia na bagagem a renúncia dolorosa de um amor impossível e a chaga de uma saudade. Tudo se foi na onda de um último adeus. Engolido pelo mar, túmulo imenso como seu talento.

O trágico poeta Cruz e Sousa (1861-1898) nasceu em Nossa Senhora do Desterro, primeiro nome da cidade de Florianópolis, ilha de Santa Catarina. As correspondências oficiais e as cartas de navegação da época o comprovam. Depois o lugar se chamou simplesmente “Desterro”, o que desagradava a muitos, pois essa palavra tinha uma carga negativa, de desonra. E assim foi para Cruz e Sousa, o Cisne Negro. Filho de escravos alforriados, cresceu sob a tutela

e educação refinada de seu ex-senhor. Culto, o poeta aprendeu francês, latim, grego, dirigiu o jornal *Tribuna Popular*, onde combateu a escravidão, o racismo, o preconceito. A poesia social, no entanto, não fazia parte de seu projeto literário. Seus poemas eram musicais, sensuais, às vezes desesperados, outras vezes suaves, nebulosos, cheios de brilhos. Mas um anjo sem piedade rondou seus caminhos: quatro filhos mortos por tuberculose; a esposa, Gavita, enlouquecida; a pobreza, a miséria e a humilhação como consequências do trabalho negado. Foi recusado ao posto de promotor de Laguna por ser negro. No meio de uma viagem, sentiu-se mal. Morreu sem ar, em Minas Gerais. Seu corpo foi transportado para o Rio de Janeiro em um vagão de trem, junto com os cavalos. Desterrado.

Também Camões (1524-1580), no exílio, longe das torres e castelos de Portugal, comparou-se ao poeta da Antiguidade Clássica, Ovídio (43 a.C.- 17 ou 18 a.C.), que cantara em *Desterro*, a viragem da fortuna, a desdita e, ao mesmo tempo, a consolação da poesia, a certeza da glória futura, imorredoura. Que versos pungentes escreveu Ovídio em seu desterro. Ele que era brincalhão, ardoroso, pagou caro, em confins gelados, sua libertinagem em louvor de Vênus e Eros. Em cânticos sofridos, queixou-se até de ter nascido. Contemplava o curso das estrelas, via os peixes no mar, as feras no monte, os rios de cristal e escrevia versos arrependidos, entre lágrimas. Afastado para sempre de um bem que possuiu outrora. A mudança fez sua trajetória frágil e transitória. E Camões, seu discípulo, identificou-se com o mestre desterrado na aspereza daquelas terras bárbaras.

Causa-me arrepios lembrar que os inconfidentes presos foram desterrados para a África, onde morreram. Exceto Tiradentes, enforcado pelo crime de lesa-majestade, após três anos de cárcere e, depois, esquartejado. Por certo, uns padeceram mais que outros, passando dificuldades e privações. Alguns logo sucumbiram na depressão e nas doenças tropicais. Outros exerceram cargos e ofícios, espalhados por Moçambique, Luanda, Guiné e Cabo Verde. Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), o poeta romântico de *Marília de Dirceu*, casou-se com uma viúva, teve filhos, trabalhou como advogado a serviço de senhores negreiros. Os inconfidentes... todos proscritos, apanhados no laço da desgraça.

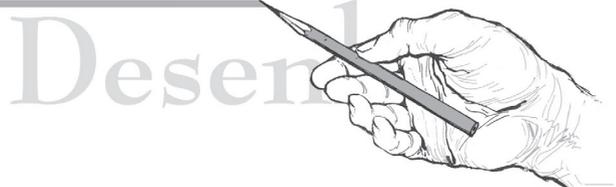
Que pena dura a de termos sido expulsos de uma vida plena no Paraíso. Mas, mesmo neste desterro, mesmo em perigo, quando escrevo, eu me sinto feliz.

*Raquel Naveira é membro da Academia sul-mato-grossense de Letras.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgrauna@hotmail.com

SUSANA RODRIGUES

A desenhista Susana Rodrigues é neta do ator Elísio de Albuquerque Filho (manuara que atuou na televisão, cinema e, especialmente, na peça *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, em 1947), filha da ilustradora de livros infantis Laise Rodrigues e do autor de histórias em quadrinhos Toni Rodrigues.

Formada, em 2013, em Design Gráfico, com ênfase em Comunicação, pela Escola Superior de Propaganda e

Marketing, a talentosa desenhista afirma que sua grande influência vem de sua mãe, Laise. Seus desenhos mostram bastante maturidade para quem, apesar de jovem, atua desde os 20 anos como ilustradora, quando estreou na literatura infantojuvenil desenhando para a belíssima obra *Curupira, Brinca Comigo?*, de Lô Carvalho (Aloma), da editora BambooZinho; livro delicioso e cheio de figuras do folclore brasileiro.

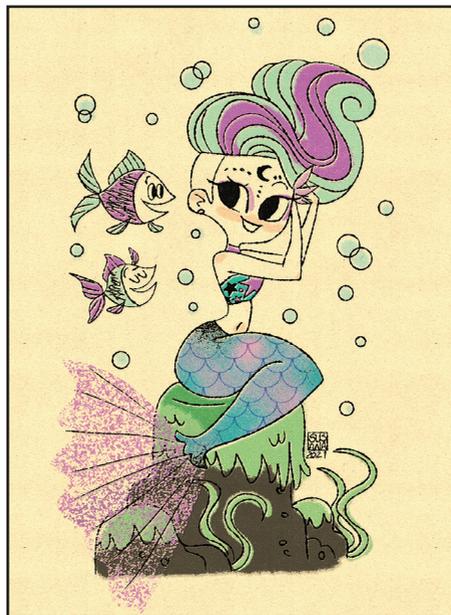
Os desenhos de Susana Rodrigues são cheios de movimentos, típico de quem atua na área de animação, e suas bonequinhas são expressivas, belas e delicadas. A ilustradora, que também atua com propaganda, exhibe, nesta edição de *Desenharte*, duas ilustrações do livro *O Piloto que Parou o Tempo*, de Douglas Nogueira, e a arte que fez parte da exposição coletiva Nair de Teffé – A Primeira Dama da Caricatura, de março de 2018, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói; as outras lindas bonequinhas são todas inéditas.



Nair de Teffé

A artista pode ter seu portfólio apreciado nos sites susanarodriguesart.tumblr.com/ e [behance.net/susanarodriguesart](https://www.behance.net/susanarodriguesart), ou nas redes sociais, no facebook e Instagram, nos perfis [susanarodriguesart/](https://www.facebook.com/susanarodriguesart/) e [@susanarodriguesart](https://www.instagram.com/susanarodriguesart) respectivamente.

Saúde e Arte!



Gigantes

Por Raquel Naveira*

Todas as vezes que pesquiso manuais de literatura como *A Literatura Portuguesa*, de Massaud Moisés (1928-2018); *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (1936-2021) ou *Teoria da Literatura*, de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1939), que recebeu o Prêmio Camões de 2020, penso naquela frase repetida por Isaac Newton (1643-1727): “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre os ombros de gigantes.” Que imagem linda. Somos tão pequenos em nosso conhecimento, uns anões, mas, empoleirados nos ombros dos mestres gigantes, vemos mais que aqueles que nos precederam. Cada geração está nos ombros dos que vieram antes.

Gigantes... Seres fantásticos e míticos. Seres ctônianos, saídos da força da Terra, desmesurados, de instintos brutais como os antigos dinossauros. Enormes, aterradores, com cabeleira espessa e barba ruiva. Para derrotá-los, só mesmo conjugando o poder de um deus que fulmina e a disposição de um ser humano corajoso.

Foi assim que Davi venceu o gigante Golias. Davi franzino, sem armadura, com uma funda e pedras lisas apanhadas do rio. Chegou à frente do adversário com o nome de Jeová dos Exércitos nos lábios. Atirou a pedra com determinação. Ela penetrou na testa do gigante, que caiu como um tronco de árvore derrubado na floresta.

Nas aventuras marítimas, sem mapas, sem bússolas, sem estrelas, mergulhados na escuridão do desconhecido, os homens imaginavam monstros e sereias. Cada monte, que despontava das ondas, poderia ser um gigante. Camões (?1524-1580), na epopeia portuguesa dos *Lusíadas*, descreve Adamastor, o gigante do Cabo das Tormentas, que afogava as naus que tentavam dobrar naquele lugar, levantando-se em forma de tempestade revolta. Cheio de ira e oposição à audácia dos navegadores sob o comando de Vasco da Gama, heróis de feitos extraordinários.

Todo gigante tem um ponto fraco, geralmente um amor impossível. O gigante Polifemo, da *Odisseia* de Homero (...-898 a.C.), depois da rejeição de uma ninfa, passou a levar existência solitária numa caverna, cuidando de ovelhas. Sua rotina é interrompida com a vinda de Ulisses e seus companheiros, que desembarcaram durante a viagem de Troia para casa. Entram no antro de Polifemo, que fecha a caverna com uma rocha, fazendo-os prisioneiros. Polifemo devora dois homens com sua fome de sangue. Odisseu oferece vinho ao gigante. Fura com um espeto em brasa o seu único olho, cegando-o. Os homens escondem-se por baixo das ovelhas e fogem. Lá fica o gigante gemendo, no mais completo abandono.

O poeta é disforme como Baudelaire (1821-1867) retrata no poema “Albatroz”: corpo pequeno de ave e asas gigantes que não o deixam caminhar pelo chão. Quantos zombam do poeta, desengonçado no tombadilho do navio, até que ele toma consciência e se lança aos ares, como quem se liberta e expande sua personalidade.

Dom Quixote, o célebre personagem de Cervantes (1547-1616), imaginou ver gigantes, mas eram moinhos. Os braços eram as pás que giravam o vento e moviam a mó. Às vezes, como o triste cavaleiro andante, concentro-me nos meus problemas, que são gigantescos. Tenho a impressão de que não suportarei mais, que serei espremida, moída e triturada. Em vão tento esconder com um sorriso as minhas dores. Uma



“– Quando dirigi o olhar para a frente, não tinha a menor dúvida. Eram gigantes e dos bons. Como poderia me enganar se o dia estava clareando e as sombras davam vez ao sol esplendoroso que nascia?” Trecho do livro *Dom Quixote para Crianças*, uma adaptação de Arnaldo Niskier para a história de Miguel de Cervantes. Ilustração de Mário Mendonça.

pedra gigante esmaga meu peito. Aí me lembro que devo superar a aversão que me lançam e retribuir com perdão. Posso, afinal, matar gigantes e montar em dragões.

Continuo folheando os manuais de literatura, que amo profundamente. Fazem parte da minha história de formação. Procurei, desde a juventude, dominar a sabedoria desses professores gigantes, crescer, seguir além das trilhas abertas. Graças a eles, meus olhos alcançam vales verdes entre as rochas das montanhas.

*Raquel Naveira é da Academia sul-mato-grossense de Letras.

ALBERTO DA COSTA E SILVA**A ÁFRICA E OS AFRICANOS NA HISTÓRIA E NOS MITOS****ÁFRICAS DIVERSAS**

Em *A África e os Africanos na História e nos Mitos*, Alberto da Costa e Silva, cujos 90 anos comemoramos em 2021, mais uma vez empresta seu vasto conhecimento aos leitores que queiram entrar em contato com a história daquele continente e de seu povo. Esta é uma viagem às várias Áfricas que coexistem, motivada pelo prazer intelectual e pela alegria das descobertas, pela possibilidade de estabelecer aproximações, perceber diferenças, descortinar múltiplos enfoques de determinado tema. Para tanto, Costa e Silva reuniu fragmentos de histórias orais, transcrições de época, tradições e relatos de povos, líderes, linguistas, viajantes e estudiosos, tudo muito bem urdido e narrado com tantas cores que nos sentimos transportados no tempo e no espaço. Alberto da Costa e Silva presidiu a Academia Brasileira de Letras entre 2002 e 2003. Foi membro do Conselho Nacional de Direito Autoral, entre 1984 e 1985; do Comitê Científico do Programa Rota do Escravo, da UNESCO, de 1997 a 2005 e do Júri do Prêmio Camões em 2001 e 2003. Foi

Doutor Honoris Causa em História pela Universidade Federal Fluminense, em 2009, e pela Universidade Federal da Bahia, em 2012. Recebeu o Prêmio Juca Pato – Intelectual do Ano de 2003, da União Brasileira de Escritores e *Folha de S. Paulo*. É membro do PEN Clube do Brasil, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História.

**RECOLTA**

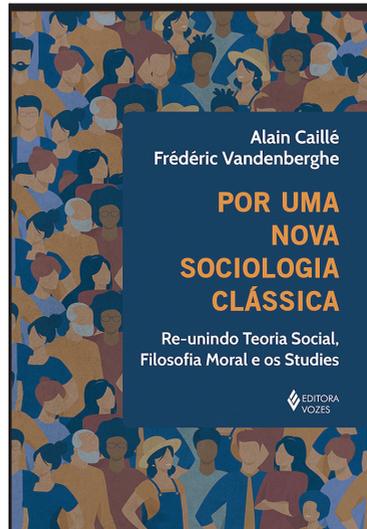
Pensadora da crise e do recomeço, Hannah Arendt (1906-1975) produziu uma obra incomparável sobre os acontecimentos do século XX e suas repercussões. Os textos reunidos em *Pensar sem Corrimão* (Ed. Bazar do Tempo) atestam a sua capacidade em avaliar com rigor teórico e compromisso ético as principais questões de seu tempo, criando diagnósticos que se tornaram referência nos mais diversos campos das ciências humanas. Produzidos entre os anos 1950 e 1970, esses escritos, em grande parte inéditos, atravessam o período em que a Arendt escreveu suas obras mais importantes. Dessa forma, é visível o diálogo estabelecido entre as reflexões presentes nesta edição – em ensaios, aulas, estudos e entrevistas – e trabalhos como *Origens do totalitarismo*, *Sobre a revolução* e *A condição humana*. Na coletânea, estão mais de quarenta textos com propósitos e estilos diferentes: projetos de pesquisa como o que a autora dedica a Marx, uma série de estudos sobre o significado das revoluções modernas, discursos como o de

agradecimento pelo recebimento da Medalha Emerson-Thoreau, importante prêmio literário concedido pelo Academia Americana de Artes e Ciências, homenagens a amigos, como o filósofo Martin Heidegger e o poeta W. H. Auden, cartas e entrevistas que trazem detalhes da vida e a obra da autora. O pensamento de Hannah Arendt, de atualidade surpreendente e sempre atento aos sentidos da vida pública e do bem comum, continua sendo chave fundamental para a leitura do mundo contemporâneo, das configurações políticas e possibilidades de futuro.

O CANIBAL DE NINE ELMS**ROBERT BRYNDZA**Autor do best-seller *A garota que não se calou***AMANTES DE THRILLERS**

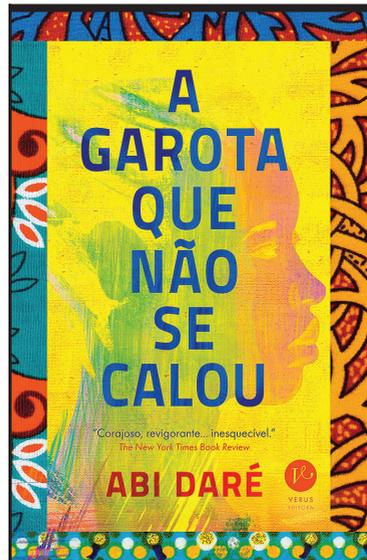
Kate Marshall era uma jovem e promissora detetive quando prendeu o serial killer que assombrou o bairro de Nine Elms, na região sul da cidade de Londres. Mas, devido a uma série de circunstâncias inesperadas, sua maior vitória de repente se transformou em um pesadelo. Traumatizada, traída e publicamente humilhada, Kate foi obrigada a se afastar e a abandonar sua carreira. Após quinze anos, ainda que atormentada pelos traumas de sua experiência na polícia, Kate tenta seguir sua vida em uma pacata cidade da costa inglesa. Mas, um dia, ela recebe uma carta que a leva imediatamente para o passado: pistas que se assemelham demais àquelas que foram decisivas anos antes. Kate se vê, então, envolvida nos meandros de um caso que só ela poderá resolver. Com um raro talento para desvendar mentes criminosas, Kate recorre ao seu instinto e às suas admiráveis competências de investigadora para enfrentar um caso cujo sucesso promete sua redenção. Mas há muito em

jogo: não é só Kate que deseja capturar o assassino... Ele também vai fazer de tudo para encontrá-la. *O Canibal de Nine Elms* (Editora Gutemberg) é o primeiro livro de uma nova série do aclamado autor Robert Bryndza, com tradução de Marcelo Hauck. A combinação perfeita entre uma história instigante, uma escrita consistente e uma leitura prazerosa para os amantes de *thrillers*.

**NOVA TEORIA**

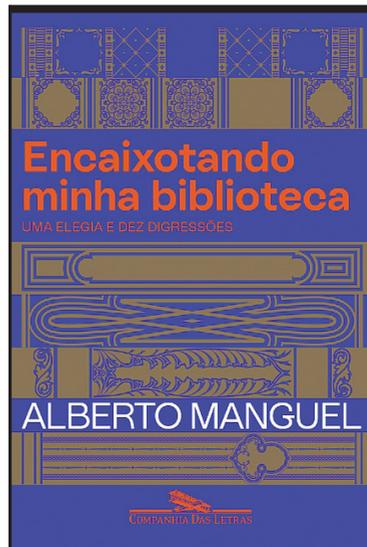
Por uma nova Sociologia Clássica de Alain Caillé e Frédéric Vandenberghe sai sob a égide da Editora Vozes. Este texto para discussão reivindica uma nova aliança teórica capaz de superar tanto a fragmentação como a especialização e a profissionalização excessivas, além de seus resultados nocivos, no interior das ciências sociais. Como alternativa ao utilitarismo e à colonização das ciências sociais por modelos da ação racional, o texto e a discussão que segue com onze sociólogos de renome mundial propõem uma nova articulação entre teoria social, os chamados Studies, e as filosofias política e moral. Amparado na antropologia inspirada pelo ensaio clássico de Marcel Mauss sobre a dádiva, ele recomenda um retorno à teoria social clássica, reconsidera o legado de Marx, além de explorar articulações envolvendo as teorias da reciprocidade, do care e do reconhecimento. Com contribuições de Frank Adloff, Jeffrey Alexander, Francis Chateauraynaud, Raewynn Connell, François

Dubet, Phil Gorski, Nathalie Heinich, Qu Jindong, Mike Savage, Mike Singleton e Philippe Steiner. Alain Caillé é professor emérito da Universidade de Nanterre em Paris, França. Publicou cerca de 30 livros e mais de 500 artigos sobre teoria social. Frédéric Vandenberghe é professor de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também dirige o Sociófilo, o Laboratório de Teoria Social. Ele tem publicado amplamente sobre a história das ideias e vários aspectos da teoria social em inglês, francês e português.

**MUDAR O MUNDO**

Esta é a história inesquecível de uma menina que deseja estudar para poder encontrar sua voz e falar por si mesma. *A Garota que Não se Calou* (Editora Verus) é uma narrativa comovente e triunfante sobre o poder de lutar pelos seus sonhos. Adunni nasceu e cresceu em uma aldeia rural na Nigéria. Aos quinze anos, ela é uma mercadora, uma esposa, uma serva. Mas, acima de tudo, ela é inteligente, engraçada e curiosa, com uma energia contagiante. A mãe de Adunni lhe disse que a educação é a única maneira de não se calar de não perder a capacidade de falar por si mesma e decidir o próprio destino. Depois da morte da mãe, o pai da garota a vende para ser a terceira esposa de um homem que está ansioso para ter um herdeiro. Adunni consegue fugir do casamento arranjado, apenas para ser vendida para uma família rica, à qual deverá servir. Mas, ao contrário de tantas outras garotas forçadas a uma vida de servidão, Adunni não será silenciada. Apesar dos obstáculos aparentemente intransponíveis em seu caminho, Adunni nunca

perde de vista o objetivo de escapar da vida em que nasceu para poder construir o futuro que escolheu para si e ajudar outras meninas como ela a fazer o mesmo. Em *A Garota que Não se Calou*, a determinação de Adunni de encontrar alegria e esperança mesmo nas circunstâncias mais difíceis nos inspira a ir atrás dos nossos sonhos... e talvez até a mudar o mundo. Abi Daré nasceu em Lagos, na Nigéria, e mora no Reino Unido há 18 anos.

**LEMBRANÇAS**

Grande declaração de amor aos livros e à leitura, *Encaixotando minha Biblioteca* (Cia das Letras Editora) fala sobre a importância dos livros em nossa vida e como são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. No verão de 2015, Alberto Manguel se preparou para mais uma mudança: ele sairia de sua casa medieval no Loire, na França, e passaria a morar em um apartamento em Nova York. Sua biblioteca pessoal, com cerca de 35 mil volumes, teria que ser guardada. Nesse momento, o escritor começa a lembrar sua relação com os livros e as bibliotecas (públicas e privadas) que já passaram por sua vida, apresentando aos leitores uma elegia apaixonada. As reflexões de Manguel variam amplamente, desde as adoráveis idiossincrasias dos bibliófilos a análises mais profundas de eventos históricos, como o incêndio da antiga Biblioteca de Alexandria. Com perspicácia e carinho, o autor ressalta a importância dos livros e seu papel único para

uma sociedade democrática e engajada. Alberto Manguel nasceu em 1948, em Buenos Aires. Passou a infância em Israel, onde seu pai era embaixador argentino, e estudou na Argentina. Morou em diversos países, como Espanha, França, Inglaterra e Itália, sempre rodeado por livros. Além de publicar obras de ficção e não ficção, ele também contribui regularmente para jornais e revistas do mundo inteiro.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o “CNC Transforma”, movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Tormenta

Por Rose Lima*

O vento me convida	Pedaço de coração
Olhar além da minha janela	Carência e excesso
Vida	Ontem calmaria
Rebeldia	Hoje nem tanto
Como pode ser?	Amanhã não sei se canto
Antes calmaria	Difícil foi o meio
Agora tormenta	O meio de tudo
Onda que arreventa	Torrente e impaciente
Espírito desbravador	Num diálogo amoroso
Espuma de cantoria	Contorna as pedras do caminho
Que silencia na areia	No olhar além das ondas
Feito pérola brilhante	É farol forte nas rochas
Idas e vindas	Nesse vai e vem
Dança constante	Inteiro se mantém
Pleno e realizador	É o mar
Inquietude de poeta	E eu
Processo	

*Nascida em Água-Doce do Maranhão, em 1966, Rose Lima é professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, desde 1990.

Rúbrica ou rubrica – questão de analogia

Por José Augusto Carvalho*

A analogia é a tendência a nivelar formas aparentadas pela função, pelo sentido ou pela grafia. Dito de outra forma: a analogia é o processo de alteração linguística em que uma palavra ou expressão se amolda a um paradigma por associação morfológica, lexical, sintática ou semântica. A forma “fazi”, por exemplo, dita por uma criança, resulta da analogia com verbos da 2ª conjugação, como “corri” ou “escrevi”. A analogia é, portanto, a influência que uma palavra ou expressão exerce sobre outra, alterando-a. Difere da assimilação, que é uma alteração fonológica, dentro do mesmo vocábulo. É por assimilação que a palavra latina *vipera*, que devia dar *vibera*, em português (cf. *viperino*, que significa “próprio de víbora”), mas deu *víbora*, porque a consoante bilabial [b] influenciou a vogal seguinte, arredondando-a, tornando-a também labial. Por assimilação, o grupo consonantal <rs> se transformou em <ss>, na evolução do étimo para a forma atual de palavras como *persona* -> *pessoa* (cf. *personalidade*) ou *persicu* -> *pêssego* (cf. *persa*).

De certa forma, a analogia é um tipo de assimilação que ocorre entre palavras ou expressões e não dentro da mesma palavra. Foi por analogia com *non* (“não”) que o *sic* latino se nasalizou no português *sim* (em espanhol, francês e italiano, por exemplo, o *sim* é *si*, sem nasal). O latim tardio *forestis* (que se relaciona com o advérbio *fora*) daria *foreste* em português (cf. francês *forêt*, italiano *foresta*), mas deu *floresta* por analogia com “flor”. O verbo latino *sum* daria *som* em português. O *sou* é influência analógica de *estou*. Quem diz erradamente *previlégio* está inconscientemente fazendo analogia com *prévio*, quando, na verdade, se trata de palavra relacionada com *privar* e *privativo*, com *i*. É a analogia que leva à introdução inadequada ou à pronúncia estranha de expressões de outras línguas. Assim, *country-dance* que, em inglês, significa “dança campestre” ou “quadrilha”, deu *contradança*, em português; *sleeper* (“dormente de estrada de ferro”, em inglês) deu “chulipa”, no português lusitano. A tentativa de aproximar para o nosso sistema fônico sons de línguas estrangeiras é um recurso analógico. Assim, *Paul Neyron* vira “palmeirão”; *pari passu* vira “a par e passo”; *missa de libera me* vira “missa de libra e meia”, *gendarme* vira “João de Arma”. Foi assim que a frase *Je m'en vais d'ici* (“vou-me embora daqui”), da música folclórica importada da França à época da vinda da família real, se trans-

Réquiem para um poeta granadino

Por Ester Abreu*

Poema em homenagem ao poeta espanhol Federico Garcia Lorca, uma das primeiras vítimas da Guerra Civil Espanhola, cujo falecimento completa 85 anos no dia 18 de agosto.

“Não quero ver.”
 Não quero ver o sangue espalhado do poeta.
 (Genil e Dauro choram nos jardins da Alhambra
 e se envolvem na suave fragrância dos laranjais mortos.
 O vento verde das oliveiras torna-se praças.
 O Guadalquivir se enrola
 para ocultar em seu seio
 oleandros, jasmims e lírios).
 “Não quero ver.”
 “Não quero ver” despedir o sanguíneo fogo
 dos fuzis
 sobre a praça, o campo e os montes
 nos quatro pontos cardiais.
 “Não quero ver” o útero ressecado das mães
 chorarem pelas nefastas guerras.
 Não, Não, “Não quero ver”
 nem o sangue granadino, nem o árabe, o judeu, o americano ou do vizinho
 ser rio de Homens-feras.

*Ester Abreu é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

formou em “de marrédici” ou “de mavédecí”, ainda que essa “tradução” não signifique coisa alguma.

A analogia é responsável também por alterações fonéticas e morfológicas do português atual. Há verbos em português em que existe oposição entre as vogais *i/ê* e *u/ô* na 1ª e na 3ª pessoas do singular do pretérito perfeito, como *tive/teve*, *estive/estteve*, *fui/foi*, *pude/pôde*. Quando o povo diz “eu trusse” (v. trazer) está apenas regularizando a alternância vocálica entre a 1ª e a 3ª pessoas (trouxe soa “trôsse”, daí as formas “eu trusse/ ele trôsse” (verbo trazer).

Da mesma forma, há verbos em que existe oposição entre as vogais *i/é* e *u/ó* na 1ª e 3ª pessoas do presente do indicativo: *sigo/segue*, *firo/fere*; *tusso/tosse*, *fujo/foge*. Quando o povo diz “inseste” (v. insistir), “exeste” (v. existir), “veve” (v. viver), está regularizando a alternância vocálica: eu insisto/ele ineste; eu existo/ele exeste; eu vivo/ele veve (na canção “Açum Preto”, Luiz Gonzaga canta: “Açum preto veve solto / mas não pode avoá...”)

Há verbos que têm a mesma forma de substantivos de mesma raiz e só se distinguem deles pela posição do acento tônico, isto é, pelo que em linguística se chama *tasema*. Os nomes são normalmente proparoxítonos, e os verbos são paroxítonos: *fábrica/fabrica*, *árvore/arvore*, *comércio/comercio*, *débito/debito*, *propício/propicio*, *mácula/macula*, *influência/influencia*, *válido/valido*, etc. Assim, quando o povo diz erradamente *rúbrica* por *rubrica*, está apenas generalizando, por analogia, um fato normal da língua, e distinguindo, dessa maneira, o nome e o verbo.

Aliás, a tendência à monotongação (passagem de um ditongo a uma vogal simples), com alternância vocálica, também ocorre popularmente para distinguir um verbo de um nome: *rôbo* (nome: roubo)/*róbo* (verbo roubar); *manêra* (nome)/ *manêra* (verbo manear) etc.

Como se vê, a analogia é altamente produtiva em português.

*José Augusto Carvalho, mestre em linguística pela Unicamp e doutor em letras pela USP, é autor de várias obras sobre língua portuguesa, como, entre outras, *Gramática Superiorda Língua Portuguesa*, *Pequeno Manual de Pontuação*, *Estudos sobre o Pronome*, todas pela editora Thesaurus, de Brasília.

A boiada passa e ameaça

Por Ricardo Cravo Albin*

“Porque há o direito ao grito. Então eu grito”
(Clarice Lispector – 100 anos)

Esses últimos dias foram excitantes e férteis em notícias. Infelizmente não favoráveis à estrutura de comando (ou desmando?) do país.

Não me deterei no frisson que o Datafolha provocou com sua ampla pesquisa sobre Bolsonaro, virado e revirado em mil e uma facetas pessoais, além de perdedor nas eleições de 2022 em todos os cenários. Um espanto.

Não me deterei no acúmulo de reclamações da CPI desvelando indícios preocupantes de corrupção nas compras de vacina. Muito menos formalizarei aqui reclamações sobre o presidente pelas declarações públicas, quando não agressões verbais a interlocutores mimoseados com palavrões chulos.

Tampouco me deterei sobre a quase crise institucional entre o senador Aziz, presidente da CPI, e o ministro da Defesa.

Mas caberia aqui, sim, me deter sobre a inconveniência de declarações recentes de dois porta-vozes do governo. O atrevido canastrão ministro Onix Lorenzoni, a acusar ameaçadora e desastrosamente os irmãos Batista, que foram ao Alvorada apenas para denunciar movimentos suspeitos de corrupção sobre a vacina indiana Covaxin, além de envolver o líder do governo na compra de mais de um bilhão de dólares a preços supostamente superfaturados. Ou seja, entendo o episódio mais como uma colaboração a um governo que se diz honesto do que um ataque e perseguição. A racionalidade parece fugir nesses tempos. Outro porta-voz, este comandante da Aeronáutica, oficial de perfil discreto e elegante, foi infeliz em certas assertivas, especialmente ao pronunciar frase que provocou mal-estar e polêmica – “homem armado não ameaça”. A fala do porta-voz do ministro da Defesa em muitos outros momentos foi positiva e esclarecedora, como – “façam o devido processo legal na CPI, doa a quem doer. Corrupção é intolerável para nós, a instituição militar como um todo”.

Acompanho a CPI como quase todo o povo brasileiro e vejo no senador Aziz uma figura interessante e firme como presidente. As sessões são abertas com o juramento dos depoentes de dizer a verdade. Que se transformou rapidamente em oceanos de mentiras, até risíveis quando transfiguradas em silêncio vexatório. Lastimei a generalização de um político calejado como Aziz ao nomear uma banda podre dos militares, sem definir a meia dúzia de tenentes coronéis investigada na saúde. O que ouriçou o Ministério da Defesa, ampliando ainda mais o incidente, já que o titular general Braga se declarou atingido, bem como todo Ministério a seu comando. Felizmente os ânimos se arrefeceram, mas cabe aqui rogar prudência, muita prudência, em momentos a flor da pele como esse, quando fios desencapados por denúncias de corrupção estão a dar choque a torto e a direito.

De fato, cada um dos tópicos acima mereceria comentários mais alongados. Não me detenho neles porque outro assunto me comove mais que todos, o prosseguimento da cadeia de más intenções para destruir o meio ambiente e a diversidade da fauna, flora e água potável na imensidão deste país tão fértil. Quando pensávamos que a boiada não mais passaria com a defenestração (tardia, embora) do excedido Ricardo Salles, eis que a Comissão do Meio Ambiente da Câmara põe de pé as teses destruidoras do chefe da boiada. Ele ressuscita dos infernos e incorpora a deputada bolsonarista Carla Zambelli (PSL-SP). Eis que surge a verdadeira “banda podre” para destruir a ecologia. Esta, em maioria parlamentar, aprova projetos rejeitados pelos ambientalistas decentes.

Entre eles o que dificulta a criação de novas unidades de conservação e o que liberou a prática da cruelíssima vaquejada como esporte. O grupo da malignidade segue empenhado no combate às multas ambientais, a quem infringe leis de preservação da natureza. E, atenção, os inimigos da ecologia acabam de aprovar proposta antiga do capitão: a que inclui militares e bombeiros no Sistema Nacional de Meio Ambiente, medida vista pelos ambientalistas como militarização de serviços essenciais como fiscalização, licenciamento e autos de infração. Atribuições até então de técnicos civis formados em universidades e cursos superiores.

Nem tudo é desolação. Acabei de ver há pouco na TV uma pequena luz ao fim do túnel. Bolsonaro visitou nesta segunda-feira o presidente Fux, do STF, e ambos se declararam em compromisso com a manutenção do estado de direito e com o regime representativo para eleições livres em 2022. Mais: anunciaram reuniões conjuntas com o Presidente do Congresso Nacional. Ou seja, os três poderes conversarão para sustentar a democracia. Ao vivo e a cores. Vocês acreditam? “Se non è vero, è ben trovato.”

P.S: Já nas Livrarias da Travessa o livro de crônicas *Pandemia e Pandemônio – Relatos indignados*, de Ricardo Cravo Albin (Editora Batel), com recomendações de Margareth Dalcolmo, Nélide Piñon e Jerson Lima (médico e cientista).

*Ricardo Cravo Albin é um dos maiores musicólogos do Brasil, membro do PEN Clube do Brasil e da Academia Carioca de Letras, entre outras instituições.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

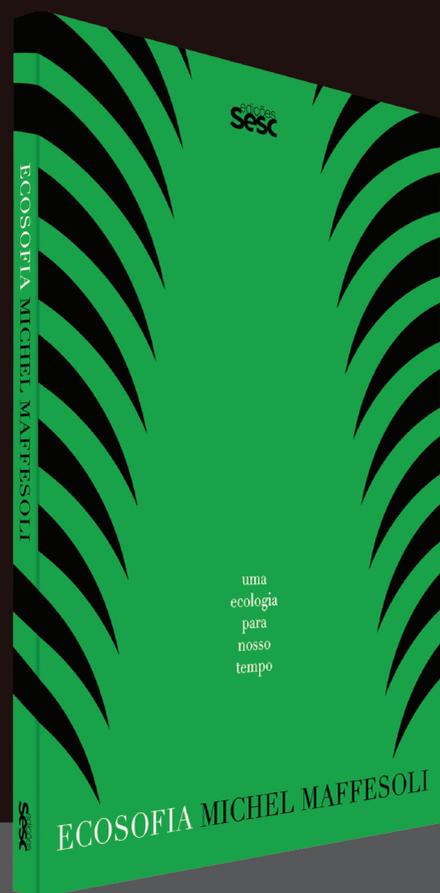
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



LANÇAMENTOS



ECOSOFIA uma ecologia para nosso tempo

Michel Maffesoli

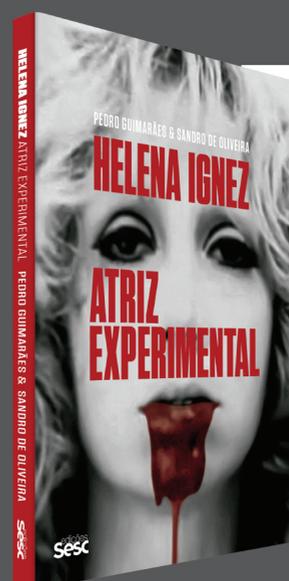
Obra expõe a necessidade da construção de uma nova condição habitativa na terra-mãe. A partir do desenvolvimento e cultivo da sensibilidade ecosófica, é possível restabelecer os vínculos entre o homem e a natureza, o corpo e o meio, ultrapassando o racionalismo e garantindo a sobrevivência humana na Terra.



UMA HISTÓRIA DAS SEXUALIDADES

Sylvie Steinberg (org.)

A sexualidade é plural. Com pesquisa rigorosa e linguagem acessível, o livro entrelaça representações, práticas, fantasias e opressões vinculadas ao corpo e ao desejo, evidenciando o papel da sexualidade como um fato social incontornável para o entendimento das relações com o prazer.



HELENA IGNEZ, ATRIZ EXPERIMENTAL

**Pedro Maciel Guimarães
e Sandro de Oliveira**

Uma ode à trajetória e ao processo criativo experimental da atriz e cineasta brasileira Helena Ignez, que atuou no Cinema Novo, com Glauber Rocha, e se tornou ícone do Cinema Marginal brasileiro, ao lado de diretores como Júlio Bressane e Rogério Sganzerla.